



Leonardo Aragão
Marcus Pilão



A alma do ProUni
contada em histórias







Chance Única

A alma do ProUni contada em histórias





Expediente

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Chance Única

A alma do ProUni contada em histórias

Leonardo Aragão
Marcus Pilão

Orientação Editorial
Rachel Balsalobre

Orientação Gráfica
Valdir Mengardo

Capa e arte gráfica
Guilherme Roberto Pinto de Souza

Diagramação
Paula Correa Clemente

Revisão de texto
Ana Carla Pilão

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – FAFICLA
Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, Fone: 3670-8217
CEP: 05014-907 – São Paulo – SP

Novembro de 2010





Agradecimentos Leonardo Aragão

*À minha mãe, pela dedicação integral;
À minha noiva, pelo apoio e companheirismo de todas as horas;
À Rachel. Pelo incentivo e atenção;
Aos perfilados, por nos contarem um pouco de suas vidas*







Agradecimentos Marcus Pilão

*Ao meu pai, pelo enorme coração;
À minha mãe, por ser minha fortaleza;
À minha irmã, por seu constante carinho;
À minha esposa, por ser minha luz e meu porto seguro;
À minha filha, por ser a síntese de todos os meus sonhos.*







Sumário

O começo de Tudo.....	13
Capítulo 1	
Dias Corridos.....	23
Perfil de Maria Isabel Câmara Lemos	
Capítulo 2	
Palavra Chave: Pai.....	37
Perfil de Gilmar Cossolino Sanchez	
Capítulo 3	
Com Amor Tudo dá Certo.....	51
Perfil de Janaína Santos Costa	
Capítulo 4	
O Poder do Estudo.....	61
Perfil de Fernando Duvaresch Costa	
Capítulo 5	
Contando Histórias.....	73
Perfil de Mafuane Silva de Oliveira	
Capítulo 6	
Mirando Estrelas.....	83
Perfil de Andreza Aparecida Streitenberger	
Capítulo 7	
Uma filha que não foge à luta.....	95
Perfil de Débora Pereira	
Capítulo 8	
O início e o fim.....	107
Perfil de Bárbara Mendonça da Costa	
Capítulo 9	
Sem Descanso.....	117
Perfil de Leonardo Aragão	
Capítulo 10	
Cair, levantar, seguir.....	127
Perfil de Marcus Pilão	







Apresentação

A idéia desse projeto nasceu em meados de 2009, mais precisamente no mês de outubro. Os autores, ainda indecisos quanto ao tema que desejavam seguir, não encontravam uma proposta que agradasse.

Um deles, apaixonado como é pelo rádio, pensou em realizar uma peça radiofônica sobre locutores de futebol. O fio condutor que nortearia esse programa não apareceu. O outro queria contar histórias de vida. Até que um lampejo indicou o caminho a seguir.

Quando surgiu o convite de um, o segundo de pronto aceitou. Como disse a orientadora deste projeto, nos tornamos objetos de nossa própria pesquisa. Bolsistas do Programa Universidade para Todos (ProUni), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, carregamos quase quatro anos de experiências pessoais marcantes, conhecendo um novo mundo, distante das modestas posições financeiras que ocupávamos no ano de 2006.

Analisando de forma genérica, a tarefa seria tranquila. Entrevistar pessoas, colher informações e escrever perfis de pessoas contempladas com o ProUni, em vários cursos, de várias universidades. A pretensão não era trazer um trabalho definitivo, mas apenas uma versão, através das histórias de vida de beneficiados pelo programa, de traçar um panorama do que representa hoje a iniciativa que, goste-se ou não, criou mais vagas nas universidades brasileiras nos últimos anos, do que em anos anteriores. Uma oportunidade de entender em que medida nossas intenções, frustrações e sucessos eram semelhantes aos de colegas espalhados por outras plagas.

Na seleção de estudantes que fariam parte do projeto, nos deparamos com diversas histórias. Sagas de desconhecidos que travam





diariamente uma batalha que envolve sacrifício, escolhas, dedicação e tristezas. Notamos o quanto é difícil contar um pouco sobre a vida de alguém que você não conhece, afinal de contas, no Google não vamos encontrar um milhão de links e fotos falando sobre elas. Um desafio cujo resultado, esperamos, também seja interessante para você, nas páginas a seguir.

O sonho de ingressar na universidade é o elemento central que guia nossas histórias, porém foi impossível não relacionar os dramas desses oito estudantes com os que milhões de brasileiros passam diariamente, como gravidez na adolescência, alcoolismo, dificuldades financeiras, drogas e preconceito racial.

Aqui, não escrevemos um panfleto nem uma advertência. As histórias falam por si. A intenção é, às vésperas de concluir o curso de Jornalismo, entender um pouco melhor de onde viemos, e para onde podemos ir.

Antes de conhecermos esses estudantes que contarão um pouco de sua trajetória, é preciso saber o que representa o ProUni no panorama da educação brasileira.





O começo de tudo

O Programa Universidade para Todos (ProUni) é considerado o principal projeto educacional da gestão de Luís Inácio Lula da Silva na Presidência da República. No entanto, não constava no plano de governo dele para a disputa da eleição de 2002.

Apesar disso, o documento constatava que, conforme dados divulgados pelo Censo da Educação Superior de 2000, apenas 7,7% dos jovens entre 18 e 22 anos estavam na universidade e, destes, 70% matriculados em universidades públicas. Uma das iniciativas de um eventual governo Lula seria a ampliação desse percentual. No entanto, durante o primeiro ano do governo Lula, Cristovam Buarque assumiu o Ministério da Educação e priorizou o combate ao analfabetismo como meta principal da pasta.

Com a chegada do gaúcho Tarso Genro, em 2004, o ensino superior voltou ao topo das prioridades. Para reverter os números preocupantes sobre o acesso reduzido e a evasão considerável, devido a dificuldades em quitar as mensalidades cobradas pelas instituições, onerosas no orçamento familiar, movimentos sociais na área da educação discutiram como atender à demanda por vagas.

A institucionalização do programa

Aguardado com grandes expectativas por docentes, alunos e movimentos ligados à educação, o Programa Universidade para Todos foi criado pelo Governo Federal através da Medida Provisória nº 213/2004 e institucionalizado pela lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Nesse ínterim, passou por diversas modificações entre o anúncio e a versão aprovada pelo Congresso.





O ProUni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior. É dirigido a estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais. Para pleitear uma bolsa integral, é necessário que a família do estudante tenha uma renda, por pessoa de até um salário mínimo e meio (Atualmente R\$ 765,00), e bolsas parciais, de 50% do valor da mensalidade do curso escolhido para quem tem renda familiar por pessoa entre um e meio a três salários mínimos (Atualmente R\$ 1530,00). Ainda há a possibilidade de obter bolsa de 25%, mas apenas para pessoas com renda de até três salários mínimos e cuja mensalidade do curso escolhido não ultrapasse R\$ 200,00. Em contrapartida à concessão da bolsa, o Governo Federal oferece isenção de alguns tributos às instituições que aderem ao programa.

Os candidatos são selecionados através das notas obtidas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Para obter a média com a qual o estudante concorrerá à bolsa, deve-se somar a nota obtida na prova objetiva com a nota da redação – ambas na escala de 0 a 100 – e dividir o número por dois. O requisito mínimo é que a média seja igual ou superior a 45 pontos. Os estudantes que alcançarem as melhores notas no exame terão mais chances de escolher o curso e a instituição em que desejam estudar.

Munido da média do ENEM, o estudante tem que se cadastrar na página eletrônica do ProUni na internet: <http://prouniportal.mec.gov.br> e escolher cinco opções de cursos e instituições desejadas, desde que a nota esteja contemplada no nível de corte exigido por cada vaga, calculado de acordo com as médias dos alunos já cadastrados. Para melhor entendimento do cálculo, segue o exemplo pessoal dos autores desse projeto:

No início de 2007, na época de inscrição para as vagas disponíveis, a PUC-SP disponibilizou seis bolsas para o curso de Jornalismo





no período noturno. Já havia um certo número de inscritos no momento em que acessamos o sistema. Na ocasião, a nota de corte exibida era 81. Ou seja, o sexto e último colocado dentre os inscritos até então tinha média 81. Se a nossa média fosse inferior a esse número, até poderíamos concorrer à vaga, mas somente entraríamos caso houvesse alguma desistência e a média caísse. Nossa média era acima de 81, então conseguimos a aprovação para a bolsa.

Se a primeira opção não for contemplada após o término do prazo de inscrições, o sistema analisa a segunda escolha, e assim sucessivamente até que uma das notas se encaixe em uma das cinco escolhas. Apenas se a média for insuficiente em todas as cinco o estudante é eliminado. É possível intercalar opções de bolsa parcial com integral, desde que se consiga provar a condição sócio-econômica da família.

Vale frisar que para o estudante que deseja uma bolsa do ProUni, o ENEM substitui o vestibular da universidade em questão. Além das bolsas destinadas a critérios sócio-econômicos, há reserva de vagas para negros e indígenas.

As polêmicas em torno do ProUni

A concepção do ProUni que veio à tona sofreu críticas de muitos setores, tanto à esquerda como à direita. Alguns aliados do próprio governo consideravam que o programa era um retrocesso, pois perpetuava o modelo privatista do ensino brasileiro, cada vez mais dominado por universidades particulares. A idéia de reservar vagas ociosas das universidades privadas para estudantes carentes era, para esses grupos, como colocar dinheiro do contribuinte em uma instituição não-pública.

A opinião pública debateu a exaustão a viabilidade do ProUni enquanto programa de inclusão universitária. Um dos pontos-chave da discussão dizia respeito às universidades filantrópicas. Muitas delas estavam com o registro no MEC cassado por não conseguir





cumprir a lei que prevê 20% dos recursos investidos em atividades de assistência social, entre elas, concessão de bolsas a estudantes carentes e em projetos de inserção da comunidade no âmbito acadêmico. A garantia do cumprimento da lei permitia às instituições ditas filantrópicas a isenção de uma série de impostos. Com o registro cassado pela não-comprovação da destinação dos recursos, várias fundações ficaram devendo milhões à Receita Federal.

Entretanto, o texto da Medida Provisória que criou o ProUni permitia que tais instituições entrassem no programa, mediante perdão das dívidas anteriores e anulação de processos que o próprio Governo Federal impôs a elas, para pagamento dos débitos. Uma chance de ouro para donos de instituições com problemas no Fisco receberem anistia de suas dívidas, mesmo em casos de suspeita de desvio de verbas da filantropia para outras áreas ou fins.

Matéria publicada no jornal “Correio Braziliense”, em 7 de outubro de 2004, é bastante crítica nesse sentido:

“As autuações feitas nos últimos seis anos pelos fiscais do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e da Receita Federal serão anuladas. Os certificados de filantropia cassados por irregularidades serão restabelecidos. As entidades não precisarão mais ser sem fins lucrativos para ter direito à isenção fiscal. Segundo especialistas, essa benesse vai regularizar o “caixa dois” das “pilantrópicas”, já que a lei proibia a remuneração de diretores. Agora, o patrimônio das instituições, que cresceu à custa da renúncia da população aos impostos e contribuições, passa para os dirigentes”.

Outro ponto muito debatido foi que as instituições filantrópicas podem substituir os 20% de bolsas destinadas à assistência social pelas bolsas do ProUni, ganhando incentivos e retirando de si uma atribuição, a de selecionar os estudantes contemplados.

Um artigo publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, em 16 de dezembro de 2004, assinado pelo deputado federal paulista Ivan Valente, hoje no PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), mas na





época filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores) e pelo professor Otaviano Helene, do Instituto de Física da USP (Universidade de São Paulo), também considera o ProUni um equívoco:

“O Prouni tem apelo popular e parece combater a exclusão. Mas a proposta é, na verdade, um grave equívoco e fere pontos defendidos há décadas pelos educadores ligados ao PT. Além disso, fortalece ainda mais a já hegemônica presença do setor privado no ensino superior, dando posição de mando ao mercado educacional. A posição de que recursos públicos devem ser utilizados na educação pública é histórica da esquerda. Entretanto o que o Prouni faz é aumentar as isenções fiscais para IES privadas, que, com poucas exceções, não prestam contas de como as usam, remuneram de forma ilegal seus sócios, não têm transparência na concessão de bolsas e maquiagem balanços. Ao trilhar o caminho da expansão da oferta pelo setor privado, a proposta do governo estimula diversos enganos. Frequentemente supõe-se que estudantes de instituições públicas têm renda familiar superior à de seus colegas nas IES privadas. Dados do IBGE e do Inep indicam que a realidade é exatamente oposta. A elitização do ensino em nosso país ocorre não por meio do vínculo institucional, mas pelo curso frequentado, e em cada curso a renda média dos estudantes do setor privado é superior à dos estudantes do setor público”, disseram na ocasião.

Na campanha recente à Presidência da República, Ivan Valente defendeu, ao lado do candidato de seu partido, o sociólogo Plínio de Arruda Sampaio, que o modelo do ProUni seja revisto. Em entrevista coletiva concedida na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Jundiaí, interior paulista, em 28 de setembro de 2010, Plínio falou sobre o ProUni:

“Eu propus duplicar o ProUni, mas dentro da universidade pública. O governo está gastando não sei quantos milhões com o ProUni. Ele pega esse mesmo valor, joga na USP, e diz o seguinte: faz um campus aqui, faz um campus em Jundiaí. Aí sim é aberto





para todo mundo”, afirmou o candidato. Segundo ele, “o aluno na universidade pública custa muito menos que o subsídio dado pelo governo ao aluno do ProUni”.

A qualidade dos cursos oferecidos também é questionada, especialmente por educadores. Reportagem do Jornal do Brasil, publicada em 11 de janeiro de 2009, mostra um dado preocupante: Dos 96 cursos que obtiveram a pior nota no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), 76 estão em universidades que concederam bolsas do ProUni nos cursos citados. O texto cita a professora Regina Vinhais, conselheira do Conselho Nacional da Educação e professora da UnB (Universidade de Brasília), que propõe que “o governo deve manter bolsas em faculdades que ofereçam o mínimo de qualidade. Logo, instituições com notas 1 e 2 deveriam ser excluídas do programa”.

O ápice do debate foi uma ação de inconstitucionalidade impretada no Supremo Tribunal Federal encabeçada por duas entidades representantes dos proprietários de entidades de ensino privadas e apresentada pelo DEM (Democratas), partido de oposição ao governo Lula. Os próceres da ação defendiam a tese que a escolha de vagas por critérios sócio-econômicos feria o princípio de isonomia, previsto no artigo 7º da Constituição. Segundo o texto do documento, “não é legítimo, no nosso ordenamento, que se reservem vagas no ensino superior, para preenchimento com base na condição sócio-econômica do aluno ou em critério racial”.

Resultados importantes

As críticas ao ProUni, tanto na classe política como na sociedade civil, não representam a totalidade das opiniões. Diversas personalidades na área da educação elogiam o programa e o consideram como uma revolução no ensino superior brasileiro. Estatísticas do MEC apontam que, desde o primeiro processo seletivo do ProUni, no final de 2005, até ao processo seletivo do segundo semestre





de 2010, 747 mil estudantes foram atendidos pela iniciativa, sendo 70% por bolsas integrais.

O educador Sérgio Custódio, coordenador do MSU (Movimento dos Sem Universidade), em entrevista ao jornal Brasil de Fato, reconhece o avanço que representa para a inserção do estudante pobre na universidade. “Com o ProUni, as distribuições de bolsas para a população de baixa renda é feita por uma política pública, isso é mais transparente”. Custódio, representando o MSU, é membro da CONAP (Comissão Nacional de Acompanhamento e Controle Social) do ProUni, criada para fiscalizar as instituições vinculadas ao programa.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, é um dos maiores defensores do programa. Em diversas oportunidades, ele destacou o alto rendimento apresentado pelos prounistas. Para ele, “o ProUni é um modelo de cotas e vemos que a qualidade dos alunos não caiu. Pelo contrário, os alunos têm desempenho superior ao dos não cotistas”.

O professor Antônio Maria Bianchi, que faz o acompanhamento dos bolsistas do ProUni na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), ao efetuar uma análise comparativa entre bolsistas e demais estudantes, confirma essa tendência. “Foram consideradas cinco variáveis relacionadas com o desempenho acadêmico. Uma comparação baseada, unicamente, no confronto dos valores assumidos pelas referidas variáveis apontou uma superioridade dos bolsistas do ProUni em todos os aspectos estudados”, explica.

Fernando Haddad refuta o argumento de que o programa estimularia o conflito racial. “O conflito não aconteceu, pelo contrário, a diversidade se impôs, e nada melhor que brancos convivendo com negros. Conviver com a diferença é um elemento fundamental da educação. Se você não sabe conviver com a diferença, não está educado”, afirmou.





O Ministério da Educação permitiu alguns avanços no programa, como a criação de uma bolsa para assegurar a permanência do estudante que cursa currículos em período integral, no valor de R\$ 300. Bolsistas em cursos de regime integral não têm chance de trabalhar, logo, é um incentivo e, mais do que isso, um alívio a quem obtém uma bolsa nessas condições.

Quanto à qualidade dos cursos oferecidos pelas universidades que participam do ProUni, o Governo Federal sancionou a Lei nº 11.509, de 20 de julho de 2007, que prevê o desvinculação do programa aos cursos com duas avaliações negativas consecutivas pelo Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior). O sistema de avaliação é composto pela nota obtida no Enade, e por visitas periódicas e não-programadas às instituições, para conhecer estrutura e conteúdo ofertado aos estudantes.

Desde 2007, o MEC promove anualmente um encontro nacional dos estudantes do ProUni. Qualquer estudante bolsista do ProUni pode participar. A etapa nacional é antecedida por encontros municipais e estaduais, coordenado em parceria entre o ministério, secretarias estaduais e entidades estudantis.

É um foro no qual os próprios estudantes podem propor alternativas, mudanças e referendar idéias, que são postas em prática pelo MEC. Além de ser uma chance de contar e trocar experiências com bolsistas de todo o Brasil, é uma ferramenta de democratização do poder decisório de um programa que envolve um número crescente de estudantes em todo o Brasil.

ProUni internacional

Em março de 2010, a portaria 381, publicada no Diário Oficial da União, instituiu o módulo internacional do ProUni. Essa variante não concede isenções tributárias de nenhuma espécie. O ProUni internacional firma um convênio entre o MEC e universidades estrangeiras, que concedem bolsas a estudantes brasileiros





que tenham interesse em estudar no exterior. Os alunos que estão na mesma faixa sócio-econômica de contemplação do ProUni tradicional com as melhores notas no ENEM serão agraciados.

Os estudantes selecionados para os cursos de graduação terão benefícios como isenção de taxas, passagens aéreas de ida e volta para o Brasil, seguro saúde e bolsas para as despesas com mensalidade e alimentação.

Até o momento, a Universidade de Salamanca, na Espanha, é a única parceira do ProUni internacional. Os espanhóis oferecerão 40 bolsas por quatro anos, dez por ano. Os primeiros dez bolsistas já estão estudando na Espanha. A contrapartida é permitir que estudantes da universidade estrangeira tenham acesso a instituições brasileiras, públicas ou privadas, em áreas a serem definidas por um termo de compromisso, definindo os interesses de cada parte.

Muito além dos números

Depois de conhecer os pontos mais relevantes sobre o que há contra e a favor ao ProUni, é hora de partirmos para as histórias, de pessoas de carne e osso, que são a essência do nosso projeto. Afinal de contas, os números podem dar uma dimensão importante, porém não explicam o quanto representam para estes jovens a entrada na universidade. As oito pessoas que vocês terão a oportunidade de conhecer são uma parcela ínfima dos beneficiários do programa, mas histórias semelhantes às suas podem ser vistas em todos os cantos do Brasil.







Capítulo 1

Dias Corridos

Perfil de Maria Isabel Câmara Lemos







Para um paulistano, viver com hora marcada é algo absolutamente normal. Correr para pegar o trem, encarar o trânsito da cidade, passar o cartão de ponto da empresa no horário certo... Pior que tudo isso, é saber que, se você não alcançar a estação de metrô, poderá ficar a madrugada inteira na rua...

Naquela noite, parecia que isso iria acontecer. Passos largos, minuto a minuto olhando no relógio. O horário de fechamento da estação Santa Cecília do metrô era 0h21. Naquele instante, pelo menos para ela, nunca alguém desceu tão rapidamente aquela escadaria. Chegando próximo à linha de bloqueios, a desolação: o funcionário responsável já havia fechado a catraca. O embarque já não era mais permitido.

Sensibilizado com a situação da jovem, quase em lágrimas, o metroviário autorizou o embarque. Ainda restavam dois minutos, tempo entre o desligamento dos bloqueios e a passagem do trem derradeiro. Ela conseguiu.

Maria Isabel Câmara Lemos já estava acostumada com essa rotina. Trabalhando na cafeteria Starbucks, sempre tinha horários de trabalho diferentes da maioria dos trabalhadores brasileiros. “Tinha dias que eu saía da loja meia-noite num domingo e já entrava às 6 horas da segunda-feira”, conta Isabel, que conversou conosco em uma agradável noite de terça-feira, no Pátio da Cruz da PUC.

Caminho em aberto

Conhecemos Isabel através de uma amiga em comum, que assim que soube do nosso projeto, indicou a futura jornalista para contar sua história. De imediato, nos identificamos com sua trajetória. Noites mal-dormidas, trabalhar durante a madrugada, contar com o salário no fim do mês para pagar as contas e sonhos, muitos sonhos.

Hoje, ela está dentro de uma das mais conceituadas universidades privadas do país, em um dos cursos mais disputados pelos estudantes que pleiteiam bolsas do ProUni. Mas no final de 2001, quan-





do acabara de cursar o Ensino Médio, incertezas pairavam sobre a cabeça de Isabel. O caminho a seguir não estava claro. Influenciada pelo pai, contador autônomo, a paulistana que nasceu e viveu em São Miguel Paulista, bairro tradicional da zona leste da capital, resolveu entrar em um curso de Contabilidade. Porém, a experiência não foi tão positiva. “Odiei, detestei o curso. Fiquei um ano fazendo uma coisa que eu não gostava”, disse.

A entrada no curso, para ela, ocorreu em grande parte por conta da pressão familiar, uma situação que é recorrente em várias famílias, de origem humilde ou abastada. Trabalhar com o pai, dando sequência a uma espécie de tradição profissional familiar, era bastante comum até o terço final do século XX. Hoje, ainda restam profissões que pai, filho e neto compartilham, como médicos, advogados, carpinteiros, ferroviários, entre outras.

Apesar de saber que poderia frustrar as expectativas familiares, especialmente do pai, Isabel não pensou duas vezes: “Botei na cabeça que ia me livrar da contabilidade, assim que tive uma oportunidade, vi que as inscrições estavam abertas para o vestibulinho do Senai, para técnico de informática. Foi a minha válvula de escape”.

Apoio contido

A relação com a família é cheia de idas e vindas na vida de Isabel. Ainda que tenha formação familiar sólida, as opiniões são divergentes quanto às opções escolhidas por ela. A história pode ser batida, mas aqui ela se repete: a mãe foi quem forneceu suporte, financeiro e psicológico, para auxiliar Isabel. “Minha mãe sempre me apoiou, desde que eu bati o pé e disse que não ia fazer contabilidade, até a minha entrada aqui na PUC. Quando eu estava desempregada, era ela quem, mesmo ganhando pouco, segurava as minhas pontas”.

Isabel explica as duas frentes de opinião quando o assunto era o futuro dela: “Meu irmão mais velho é sossegado: diz que, se eu estou feliz, é o que importa. Em compensação, uma irmã diz que eu





sou uma “tentante”, que tenta tudo, faz mil cursos e não sobressai em nenhum”.

A forma como a família de Isabel enxerga as tomadas de decisões e carreira profissional escolhidas por ela foge um pouco do perfil tradicional de bolsistas do ProUni. Enquanto selecionávamos as pessoas que fariam parte de nosso projeto, tomamos contato com inúmeras histórias, através de conversas com alunos que conhecemos via internet, experiências pessoais e pesquisas que fizemos com alunos da PUC que são contemplados pelo programa.

Em geral, o bolsista do ProUni conta com apoio familiar incondicional. Na maioria dos casos, o universitário é a primeira pessoa da família que tem a oportunidade de fazer um curso superior, transformando-o em referência de sucesso, status e a chance de vislumbrar um futuro profissional que ninguém ali, dentre os parentes mais próximos, teve condições de obter. O bolsista é o orgulho de todos.

Se a universidade for uma das mais tradicionais, mais do que nunca o aluno é uma espécie de estrela familiar. No caso dos autores desse projeto, já ouvimos incontáveis elogios de familiares e conhecidos quando sabem que estudamos na Pontifícia Universidade Católica.

Para Isabel, isso traz uma responsabilidade enorme, por dois motivos: não há unanimidade quanto ao benefício que a bolsa na PUC pode trazer a ela, logo, ela sabe que precisa dar respostas e mostrar, não por vaidade pessoal, mas por necessidade, o quanto a formação acadêmica é importante para seu crescimento profissional.

O ápice desse conflito foi no dia em que Isabel contou ao pai que foi selecionada para apresentar a documentação para a PUC. As palavras da própria Isabel narram melhor do que qualquer texto: “Meu pai agora tá apoiando, eu lembro que quando eu consegui a bolsa na PUC, eu estava toda animada e por um lado desconfiada... Falei pra ele que tinha conseguido passar no vestibular da PUC, contei que passei no processo, consegui bolsa, ele ficou super con-





tente... Ele é contador autônomo, mas é formado, ficou oito anos na FMU... Fez Direito em todo este tempo porque fazia uma matéria em um ano, outras duas em outro por razões financeiras... Não exerceu porque não conseguiu carteira da OAB... Ele foi estudar tarde, quando eu nasci foi que ele começou a fazer supletivo do Ensino Médio... Foi tudo bem mais tarde. Eu até entendo a luta dele porque não conseguiu carteira da OAB. Quando eu disse que tinha passado aqui na PUC ele ficou empolgado e perguntou: O que você vai fazer, Direito? Disse com essas palavras: Não, pai, não, é jornalismo. Nossa, nunca vi ninguém desabar na minha frente do jeito que ele desabou, ele só faltou chorar, ele desmontou na minha frente. Ele falou uma coisa que me fez pensar que jamais me apoiaria em nada. Ele olhou bem sério e disse “Nossa, cada um faz o que gosta”... E voltou a dar atenção ao que estava fazendo. Pensei “Nossa, não tenho mais pai...”. Mas foi só no momento, porque no dia seguinte ele foi lá, imprimiu a ficha em que constava o meu nome como apto à bolsa, mostrou pra todo mundo, “Minha filha tá na PUC, tá fazendo jornalismo... Foi muito legal...”.

Um fato chama a atenção: durante todo o diálogo, mesmo em momentos de forte carga emocional como esse que acabamos de relatar, é impressionante como Isabel mantém a serenidade para contar a história. Dona de um sorriso expressivo e sincero, ela conta os fatos com desenvoltura, com franqueza, o que contrasta com sua timidez.

Faculdade? Um sonho distante, ainda

Entre a chegada à universidade e a experiência negativa no curso de contabilidade, foram cinco anos de intervalo. Entretanto, quando questionamos se esse período foi um vácuo, pelas tentativas que não deram certo, ela de pronto nos refutou. “Não foi um vácuo porque desde que eu terminei o Ensino Médio eu não parei de estudar. Ou eu estava fazendo o curso de contabilidade, ou o técnico em informática, depois cursinho pré-vestibular”.





Mas ainda assim algo nos intrigava. Isabel sempre deixou claro que entrar na universidade era algo inacessível, devido à falta de condições financeiras para pagar as mensalidades. De onde saiu a motivação para chegar até aqui? Depois de vários anos longe da faculdade?

O ProUni conta com essa peculiaridade. Não há um estudo específico do Ministério da Educação quanto à distribuição de bolsas do programa por idade, mas durante a seleção dos perfis, nos deparamos com muitas pessoas em situação semelhante. Mais adiante, outras histórias de nosso livro tratam de pessoas que levaram anos após a conclusão do Ensino Médio para entrar na universidade.

A situação financeira do aluno é o principal argumento. Como os processos seletivos das universidades públicas são muito disputados, resta ao estudante oriundo da escola pública, em déficit educacional com relação aos concorrentes da escola privada, ou pagar mensalidade em uma universidade particular, ou desistir do ensino superior. Logo, alguns levam anos para reunir condições que permitam esse investimento.

No caso de Isabel, além das questões financeiras, os cursos, os diversos empregos e a pressão familiar confundiam sua cabeça e deixava incerto se o ensino superior seria uma realidade.

“Eu tinha uma professora no Ensino Médio que sempre incentivava a gente a estudar. De certa forma, a vida dela foi parecida com a minha. Ela estudava e trabalhava... Ela dizia que, se não fosse pelas matérias, pretendia deixar uma marca que fizesse a diferença. Isso serviu de motivação para mim, sem dúvida”, lembra, feliz. Contudo, faltavam algumas experiências e obstáculos, na vida profissional, antes de enxergar, no fim do túnel, a entrada na universidade.

O sonho começa a tomar forma

Após sair do curso de contabilidade, Isabel conseguiu entrar no vestibulinho do SENAI de técnico em informática. “Cheguei a estagiar em uma empresa de engenharia, mas acabou não dando





certo, porque, na área de informática, é preciso sempre se atualizar, e os cursos na área são muito caros”, explicou.

Depois disso, Isabel pensou em prestar concursos públicos. A futura jornalista, assim como milhares de brasileiros, via no serviço público a chance de estabilidade profissional e salários médios que garantissem uma vida razoavelmente confortável. E assim Isabel se matriculou no cursinho da Poli, pago com o salário do estágio na área de informática.

“No meio do ano (2005), o estágio acabou, mas uma amiga conseguiu um emprego pra mim em uma clínica no bairro de Higienópolis. Se não fosse isso, não poderia pagar mais o cursinho”. Ali estava Isabel, ao lado de um exército de jovens pensando em vestibular, o tempo todo, o dia inteiro, enquanto ela, alheia ao sonho dos colegas, preocupada com seleções públicas. Fez algumas, inclusive para autarquias hospitalares, o Metrô de São Paulo e cargos de atendimento ao público em órgãos municipais e estaduais.

No primeiro ano, depois de participar de concursos, abandonou a idéia. Para ela, “trata-se mais de arrecadar dinheiro do que exatamente uma abertura de vagas”. Uma sementinha começava a germinar. No final do ano, cercada de colegas que falavam palavrinhas mágicas como vestibular, Fuvest, Unicamp e Unesp, jogando a vida nelas, ela cogitou fazer também o vestibular. Mas o prazo de inscrição já estava encerrado. “Me arrependi mesmo de não ter feito inscrição”.

Conforme termo utilizado pela própria Isabel, no início de 2006 ela estava “contaminada pelo vírus” do vestibular. Decidida, resolveu que a meta seria entrar na universidade no ano seguinte. Matriculou-se no cursinho novamente, sonhando com Letras, História e, em último caso, o Jornalismo. Queria ser aluna da universidade mais idealizada do país: a USP.

“Prestei vestibular no final de 2006. Pensava apenas em Fuvest, Fuvest e Fuvest. Tentei Letras, fui pra segunda fase mas “bombei”.





Pra piorar, perdi meu emprego na clínica devido a um corte de funcionários. Tinha feito o Enem, só que o prazo de inscrição para o ProUni tinha acabado. Eu estava desempregada e sem estudar”.

Momento de transição

Quando Isabel conseguiu um emprego na cafeteria Starbucks, os horários de trabalho não permitiam que ela estudasse. “A Starbucks estava em plena expansão, inaugurando filiais, a rede era uma febre, todo mundo queria conhecer, então eu tinha uns horários muito loucos. Durante a semana trabalhava das 6 da manhã às 14h30 e, aos fins de semana, das 18 horas às 2 e meia da manhã, na loja da Rua Amauri, no Itaim Bibi. Ficava sete horas em pé, preparando cafés, vivia gripada, debaixo de ar condicionado e mexendo com produtos quentes”. De vez em quando, Isabel trabalhava na loja do shopping Pátio Higienópolis, onde ocorreu o episódio descrito no começo dessa história.

Passados alguns meses, Isabel fez amizade com a gerente da loja, e pediu a ela uma adaptação da sua escala para poder estudar. “Convenci ela que seria bom pra mim até mesmo dentro da loja”. A gerente aceitou e, nos últimos seis meses do ano de 2007, Isabel entrou no cursinho intensivo dos alunos da USP. O ProUni era realidade, sendo bastante divulgado na mídia. “Fiz o ENEM pensando única e exclusivamente no ProUni. Nem prestei Fuvest, desencanei”, contou aos risos.

Com os pés no chão

Era a primeira tentativa de exame com foco na bolsa do ProUni. Enfim, fazendo uma coisa que queria. “Fiz a escolha mais pela questão do sonho, passei a vida toda, sei lá, fiz contabilidade que era uma coisa que eu não queria, fiz SENAI como válvula de escape, depois fiz cursinho pra tentar uma colocação... Eu me lembro há três anos, lá atrás, no final de 2007, de frente pro computador fa-





zendo a inscrição do ProUni, pela primeira vez fazendo uma coisa que eu quero... Acabei colocando Letras como primeira opção e Jornalismo como segunda. Eu não esperava que a bolsa de Jornalismo sairia primeiro que a de Letras. Como saiu, fiquei com medo de perder a oportunidade. Resolvi fazer Jornalismo”.

As escolhas de carreira a seguir sempre tinham em mente o mercado de trabalho. Isabel não podia deixar de pensar que deveria estudar em uma área que conseguisse colocação. A grande maioria dos bolsistas do ProUni entrevistados por nós pensam assim. Isabel sintetiza essa posição: “Não adianta ficar sonhando muito. Sonho não vai pagar as contas, não vai dar continuidade na sua vida, fazer você transcender financeiramente. Pode servir pra bagagem cultural, mas isso não adianta muito pra quem vem do ProUni ou mesmo outras bolsas, como o Fies e planos próprios das faculdades. O pessoal se focaliza nesse âmbito, o que o mercado vai te dar. No meu caso, assim como de muita gente que nem sonhava em fazer faculdade é uma oportunidade que você não pode desprezar e usar de qualquer jeito, tem que ser usado pensando nos benefícios”.

Dificuldades

Uma das coisas mais agradáveis em ser aluno da PUC é conviver com pessoas que têm histórias pra contar. O passado de lutas da universidade, o estímulo à pesquisa e extensão, e o campo aberto para divergências de opinião, criam um ambiente único. Quanto aos colegas, com vários deles temos chance de aprender com as histórias pessoais, vivências e conhecimentos. Em geral, pessoas pertencentes a famílias com alto poder aquisitivo.

Há um problema quanto a esse ponto. O bolsista da PUC, de origem humilde e, em tese, com menos oportunidades, sente-se acuado, com menos condições de disputar vagas com os colegas abastados. Para Isabel, isso representou dificuldades de adaptação. “Você perde a possibilidade de se engajar nos trabalhos, fazer inicia-





ção científica, até mesmo fazer aquilo que os professores pedem em aula porque tem que trabalhar. Você não tem tempo pra fazer um curso pra se profissionalizar, fazer um curso de línguas... Atrapalha porque para a grande maioria, o primeiro emprego que conseguiram foi o estágio; eu não, esse é o meu quarto emprego. Eles passam o dia inteiro na internet, vão ao teatro, ao cinema, se quiserem terão condições de pegar um avião daqui pro Haiti pra fazer um TCC, por exemplo”. Nesse ponto, Isabel assume uma feição crítica, um tanto irrequieta.

Mas a paulistana de São Miguel Paulista é consciente do peso que traz uma graduação de qualidade para o currículo: “Estudar em faculdades como a PUC ou o Mackenzie, por exemplo, conta muito em termos de credibilidade para o currículo, o que facilita a entrada no mercado de trabalho”.

Estranha no ninho

As diferenças sócio-econômicas entre bolsistas e os outros alunos é bem marcante quando estamos em universidades de ponta, como a PUC. A nossa experiência pessoal, pelo menos no curso de Jornalismo, mostra que esse fator não influenciou em nada na construção de relacionamentos com colegas, professores e funcionários. Temos amizades sólidas com pessoas de perfis totalmente diferentes dos nossos.

Acreditamos que era fundamental tentar compreender como Isabel enxergava essa relação. Somente por chegar ali, orgulhosa do que fez, ciente das responsabilidades e do significado de sua presença na universidade, ela já é uma vencedora. Mais uma vez, a moça de 25 anos e sorriso fácil, sabe que os obstáculos persistem. Desta vez, quanto à adaptação dela em um mundo novo e diferente de tudo que ela tinha visto até então.

Quando perguntamos sobre o relacionamento dela com colegas de sala, bolsistas ou não, Isabel faz uma revelação polêmica que, se-





gundo ela, nunca foi dita a ninguém. Surpreendemo-nos com a resposta enfática: “Meus colegas bolsistas são totalmente enturmados e adaptados à sala. Já no meu caso, a coisa é um pouco mais complicada porque eu sou a única negra da sala. Quando eu cheguei, nos primeiros dias as pessoas olhavam atravessado... Preconceito ninguém assume, mas todo mundo tem... O pessoal olhava meio torto, até hoje ninguém nunca me desrespeitou, nunca disse nada ofensivo ou grosseiro, até mantemos uma cordialidade, mas cada um na sua, isso com grande parte da sala. Tem gente que até hoje não fala comigo, eu sei o nome porque estamos há três anos estudando juntos. Certas pessoas nunca me dirigiram a palavra. Tem pessoas que falam comigo quando eu estou acompanhada, quando eu estou com as outras meninas que são mais tranqüilas, que não viram diferença e se relacionaram super bem. Mas só cumprimentam quando eu estou acompanhada, quando eu estou sozinha não fazem”.

Infelizmente, em pleno Brasil do século XXI, é comum ouvir histórias de preconceito de ricos contra pobres, brancos contra negros e de grupos sociais historicamente estabelecidos contra minorias étnicas desprotegidas. Estudos do Ministério do Trabalho do Brasil apontam que os negros ganham menos que os brancos, ocupando cargos iguais. Nos processos seletivos de grandes empresas, é raro um negro disputar postos de comando ou ter igualdade nas etapas eliminatórias. Isabel passou por situação semelhante: “Duas semanas atrás, eu fui selecionada pelo Nube (portal que oferece vagas de estágio) para participar de um processo seletivo na Nextel. Tinha umas nove pessoas contando comigo, um da Cásper Líbero e os outros oito da PUC, todos do segundo ano (Isabel cursa o terceiro ano). O processo foi correndo, houve a apresentação da empresa, até que chegou a hora da apresentação. Pra mim foi a pior parte... O pessoal começou a falar, uns tinham vivência na Europa, nos Estados Unidos. Falavam inglês e espanhol fluentes. Na minha vez, eu fiquei constrangida, falo muito mal o espanhol e tenho o





inglês básico. Para o selecionador isso não é nada, ou você fala ou não fala... Hoje mandei e-mail pro Nube reclamando, já que eu não tenho perfil pra vaga por que me mandaram pra lá? Foi uma experiência constrangedora e por isso, acho que estou muito atrás. Isso foi na semana passada... A PUC ajuda, e como ajuda, mas só o ProUni não é tudo...”.

Vemos a todo instante o termo racismo na televisão, imprensa, internet, mas foi a primeira vez que alguém relatava assim, ao vivo e a cores, uma situação clara de racismo. “Nessa dinâmica da semana passada, somente eu era bolsista do ProUni, made in Brazil, quando eu comecei a falar, a selecionadora foi muito direta. Ela deixou todos falarem à vontade; quando eu comecei a falar ela foi direto ao ponto. Agiu de forma eliminatória, de pronto ela perguntou: “E o teu inglês?”. Ela tinha plena certeza que eu não tinha inglês fluente. As pessoas podem dizer que essa pergunta é feita para todos. Não, isso não é normal. Preconceito só quem sente sabe o que quer dizer”, arremata.

Hoje, Isabel estagia na assessoria de imprensa do Memorial da América Latina, na Barra Funda, em São Paulo. “Estou há um ano e quatro meses trabalhando lá. Às vezes penso que já aprendi tudo que poderia, que eu estou tomando a oportunidade de alguém vir aqui e aprender também. Mas eu não posso ficar na mão, né?”, conta, aos risos, a moça de sorriso bonito, simples, que carrega consigo as marcas de uma dura trajetória.







Capítulo 2

Palavra Chave: Pai
Perfil de Gilmar Cossolino Sanchez







No Brasil existe uma epidemia. Uma doença que corrompe pessoas, destrói famílias e provoca uma verdadeira e aterradora onda de sofrimento em milhares de lares. O mais grave, no entanto, é comprovar que o avanço de tal epidemia não sofre nenhum embargo ou sanção por parte daqueles que deveriam cuidar da sociedade. Existe uma liberalidade imoral que acompanha o crescimento exponencial dessa epidemia. A doença em questão é provocada por uma droga que possui uma característica que a transforma na mais cruel e devastadora das drogas. Ela é muito barata e fácil de se conseguir. Qualquer pessoa, seja ela rica ou pobre, consegue fácil acesso ao mundo alucinógeno provocado por ela. Essa doença já destruiu milhares de lares e famílias durante a história e – ao que tudo indica – continuará ceifando vidas e a felicidade de um sem numero de pessoas no futuro. A doença em questão é a doença do alcoolismo. Nosso próximo perfilado tem um traço muito significativo de seu caráter formulado pelo sofrimento ao qual aqueles que vivem em constante confronto com o alcoolismo são submetidos. Muito de sua postura e de sua forma de encarar a vida partem da sua vivência e da sua coragem em enfrentar tal problema no seio familiar. Essa é a história que contaremos a seguir...

Um gole de dor

Gilmar meneou a cabeça negativamente, olhou novamente o boletim com as médias finais do ano letivo. Não podia acreditar, sabia que poderia ter se dedicado mais, sabia que com um pouco mais de esforço, por mínimo que fosse, poderia ter conseguido a média necessária. Abaixou a cabeça, os olhos miraram o asfalto e a calçada mal cuidada comum às periferias das grandes cidades, olhou em volta e viu os outros garotos e garotas com sorrisos nos lábios, felizes pelo fim das aulas, felizes por saberem que ao chegar em suas casas receberiam os abraços afetuosos dos pais ou, em caso de um resultado ruim nos boletins, um belo de um sermão. Gilmar sabia que





com ele as coisas seriam diferentes, sabia que não haveria sorrisos, não haveria broncas. No caso de Gilmar havia uma atitude que é a mais cruel maneira a qual um filho pode ser submetido.

O garoto abriu a porta da casa simples, olhou ao redor, nada viu. Apenas um cheiro azedo, um tanto quanto enjoativo, pairava no ar. Era um cheiro com o qual o jovem Gilmar já estava acostumado, era o cheiro deixado pelo consumo recente de bebida alcoólica. Chegou a sala e avistou o pai sentado no sofá, o rosto denunciava o alto grau de embriagues. Gilmar, aflito, se aproximou do pai. As palavras saíram quase que como um transe, quase que como um pedido de desculpas. “Pai, eu repeti de ano, repeti a quinta série...”. O pai continuou impassível, os olhos continuavam a olhar um programa qualquer na tv. Gilmar então colocou o boletim no sofá ao lado de onde o pai estava. Esperou mais alguns minutos que pareceram intermináveis. O pai continuou imóvel. O garoto então, com lágrimas nos olhos, decidiu ir ao quarto, decidiu deitar a cabeça no travesseiro para tentar fazer com que a dor que naquele momento feria seu coração passasse. Quando estava próximo da saída da sala escutou um único som emitido pelo pai, algo que pareceu uma palavra, dada a situação na qual o pai se encontrava. “Imprestável”. Naquela sala nada mais foi dito, nada mais saiu da boca do homem, nada mais chegou aos ouvidos do filho. Gilmar recebeu a palavra dita pelo pai como um soco, na verdade aquilo era pior do que levar um surra. A bebida provocava um castigo que Gilmar não conseguia suportar, provocava o castigo da indiferença. O garoto então entrou no quarto e fechou a porta, o choro saiu incontido. Pensou no seu futuro, pensou em ser diferente do pai, desejou um dia poder ter filhos para dar a eles um amor acima de tudo.

Naquele momento ele ainda não sabia, mas o destino se encarregaria de dar a chance que ele pediu naquela tarde triste. A chance de amar um filho e dar um exemplo através de atitudes. A chance de deixar um legado do qual os filhos pudessem se orgulhar.





A infância

“Era sempre assim a minha relação com o meu pai. Ele estava sempre bêbado, ai ele vivia me agredindo com palavras. Quando ele estava sóbrio parecia uma estátua”. Relata Gilmar Cossolino Sanchez, hoje com 30 anos, morador de Pirituba, periferia de São Paulo.

Quando perguntado sobre sua infância, Gilmar foi logo relatando sua relação com o pai. Na verdade isso se mostrou uma constante em todos os momentos da conversa que serviu de base para a construção desse perfil. Em todos os assuntos discutidos por nós os problemas de relacionamento com o pai, provocados pela alcoolismo, vinham a tona. Mas o momento agora é de falar de coisas boas, e isso aparece quando Gilmar fala da infância com os amigos do bairro.

“Eu me divertia muito quando era criança. Eu empinava pipa, brincava de carrinho de rolemã, guerra de mamona. Coisas que hoje as crianças não fazem mais, hoje é todo mundo dentro de casa, jogando videogame, às vezes o pessoal joga uma bolinha na rua. Na minha época era o dia inteiro brincando na rua”, diz Gilmar, com um sorriso nos lábios que denuncia a saudade dos tempos de garoto.

A infância foi muito parecida com a da maioria dos garotos que vivem na periferia. A mãe e o pai trabalhavam fora para sustentar a casa, enquanto Gilmar e a irmã dividiam o tempo entre a escola e as brincadeiras na rua. No caso de Gilmar mais na rua do que na escola, já que confessadamente seu forte nunca foi gostar de estudar, “Nunca fui muito de estudar não, também não tinha cobrança em casa, meu pai nunca quis saber se eu estava bem na escola”.

O pai de Gilmar é pedreiro e sempre quis que o filho seguisse na profissão, “desde muito pequeno ele queria que eu trabalhasse com ele de pedreiro, que eu seguisse a profissão dele”, conta. Talvez a negativa de Gilmar, em seguir os rumos traçados pelo pai, expliquem o tratamento destinado ao filho. “Eu sempre disse que não queria trabalhar com ele, não por desprezar a profissão, mas é por achar que ele tem um dom que eu não tenho”. Nesse momento





uma frase de Gilmar demonstra respeito pelo pai, apesar dos desentendimentos, “meu pai tem o dom para construir casas, ele é muito bom mesmo, não é qualquer um que faz o que ele faz”.

As dificuldades de Gilmar na escola ficaram patentes com as reprovações. Foram quatro no total. Ele foi reprovado na segunda série e depois mais três vezes na quinta. “A quinta série foi difícil, eu só consegui passar quando mudei para o noturno e comecei a trabalhar”. Pode-se dizer que esse é o primeiro divisor de águas na vida de Gilmar, a entrada no mercado de trabalho conferiu ao jovem, então com 14 anos, muita responsabilidade. Foi um processo determinante para a maturação do seu caráter.

Correndo atrás...

O primeiro emprego de Gilmar foi como office-boy de uma corretora de câmbio. Estudando a noite e trabalhando o dia inteiro, Gilmar arrumou a ocupação necessária para fugir de uma realidade que afeta muitos jovens do subúrbio, “Muita gente entra nas drogas, não tem jeito. Tenho amigos de infância que hoje nem estão mais aqui”, relata.

O corre-corre da metrópole paulista, as conduções lotadas e as filas intermináveis ajudaram muito no crescimento de Gilmar, que hoje fala da época com muito orgulho e certo entusiasmo, “Até hoje eu uso os aprendizados daquela época. Eu consigo ir para qualquer canto de São Paulo graças aos dias como Office-boy”.

O segundo emprego foi ainda mais emblemático. Gilmar começou a trabalhar em um escritório de contabilidade vizinho da sua casa. Entrou também como Office-boy, passou para auxiliar administrativo e chegou a ser responsável pelo setor de abertura e encerramento de empresas. Ficou no escritório durante dez anos. “Com certeza foi o lugar onde eu mais aprendi, grande parte do que eu tenho de bagagem de trabalho eu devo aos anos que passei ali”. Ajudou o fato de Gilmar conhecer o dono do escritório e quase que





todos os demais funcionários desde criança. “Era todo mundo muito amigo, eu tinha uma rotina bem tranquila que na hora do meu almoço eu ia para casa e conseguia até empinar uma pipa na laje”.

Nossa preocupação neste momento da entrevista, até levando em consideração o tema central do nosso livro, foi saber qual era o sentimento do entrevistado quanto aos estudos e o possível ingresso na universidade. A resposta foi muito sincera: “Quando eu acabei o colegial eu nem pensava em fazer faculdade, até por que eu não conhecia muita gente que já tinha feito”. Disse. Ele foi além: “Eu sabia que uma USP, por exemplo, estava totalmente fora da minha realidade, e as faculdade pagas eram muito caras”.

A mudança do pensamento de Gilmar em relação a universidade viria só com o tempo, com uma junção de fatores que mostrou para ele que talvez um garoto de infância humilde e sem apoio da família, no que diz respeito ao estudo, também poderia ter uma formação superior. Mas isso é assunto para daqui a pouco. Agora é hora de tocar na parte da vida que terminou de transformar completamente o nosso personagem. Chegou a hora de contar como a vida ofereceu a Gilmar a chance de realizar o sonho de proporcionar seu amor como pai. Oferecer amor de coração aberto e de maneira corajosa, como um verdadeiro pai deve ser.

Pai presente

A vida de Gilmar estava bem encaminhada em relação ao trabalho, tinha uma ótima relação na empresa e, em casa, o único problema era o relacionamento com o pai. Na vida afetiva, no entanto, ainda havia um vazio. Este espaço acabou sendo preenchido ao conhecer Aline. Os dois logo se apaixonaram e começaram a viver um romance. O grande diferencial dessa história de amor se deu por conta de um pequeno detalhe, ou melhor, de um detalhe pequeno e de nome Gabriel. Aline já tinha um filho pequeno, fruto de um antigo relacionamento. Gilmar então, sabendo de como um pai





presente é importante para a formação de uma criança, tomou uma atitude corajosa e que demonstra toda a grandeza esperada de um pai. Ele decidiu assumir integralmente a paternidade da criança. “Assumi ele como filho legítimo, registrei em meu nome e sempre procurei dar a ele todo o carinho que eu nunca tive do meu pai”. O pai biológico de Gabriel, enquanto esteve vivo, nunca reconheceu a criança, “Ele era um vagabundo e morreu em uma briga de bar... Só para vocês verem como não era boa coisa”.

Morando nos fundos da casa dos pais, Gilmar e Renata tiveram um relacionamento até certo ponto tumultuado. Se por um lado foram agraciados pela chegada de mais um filho, chamado Felipe, por outro enfrentavam vários problemas de convivência com um personagem já muito marcante nessa história. “Meu pai vivia nos perseguindo. Dizia que eu era um tonto por assumir um filho que não era meu e vivia xingando a Aline de tudo quanto é nome...de pistoleira para baixo”, relata Gilmar com um visível desconforto. “Eu sei que ela sofreu muito”, complementa.

Vários anos se passaram e as constantes brigas entre pai, marido e esposa atingiram um nível insustentável. Algo precisava ser feito de maneira urgente para evitar que a própria criação dos filhos fosse prejudicada. E foi então que o casal decidiu tomar uma atitude drástica, “Decidimos nos mudar para Mococa, onde os pais dela moram, mas o problema é que eu havia acabado de mudar de emprego, estava em um escritório novo, então tinha que ir e voltar de Mococa todos os dias, dava quase três horas para ir e três para voltar”.

A situação do casal em Mococa e as constantes viagens de Gilmar para trabalhar em São Paulo acabaram por prejudicar ainda mais o casamento. “Eu comecei a sentir um pouco do que ela passou na minha casa, porque os pais dela começaram a me cobrar por trabalhar longe e ficar muito ausente”. A única alternativa encontrada para que a situação ficasse um pouco melhor para ambas as partes foi a separação.





A separação, no entanto, serviu para Gilmar demonstrar mais uma vez o quanto acredita ser importante para um pai estar sempre presente ao lado dos filhos. Mesmo morando agora longe dos garotos ele continua dedicado à criação de ambos. A cada quinze dias ele trás os dois para Pirituba, “Ficamos empinando pipa e jogando videogame”. Lembrando ainda que faz questão de trazer sempre os dois garotos, “Os dois são meus filhos, só quando eu acabo indo de moto é que volta apenas um comigo. Mas eu sempre tento trazer os dois”, finaliza, demonstrando orgulho do pai que se tornou.

De volta para o estudo

Foi justamente durante esse período difícil - que envolveu mudança de cidade, as brigas com a esposa e a separação – que Gilmar acabou perdendo o emprego. “Depois de tantos anos na mesma empresa eu não tinha mais como crescer e depois de alguns desentendimentos com meu antigo patrão eu acabei saindo”. O período desempregado, porém, não durou muito. Depois de aproximadamente um mês em casa, Gilmar foi chamado para uma entrevista em outro escritório de contabilidade, “ali outras portas começaram a se abrir para mim”.

No novo trabalho Gilmar começou a sentir que teria a ajuda necessária para se desenvolver profissionalmente, “Apesar de entrar ganhando pouco, percebi que meu patrão confiava bastante no meu trabalho e percebi que ali as perspectivas de crescimento seriam melhores”. Depois de alguns meses de trabalho aconteceu um fato que Gilmar considera fundamental para a mudança de seu pensamento em relação aos estudos, “Um antigo funcionário da empresa, o Marcão, voltou a trabalhar conosco e em pouco tempo nós fizemos uma grande amizade e foi justamente esse cara que me incentivou a voltar a estudar”.

Por perceber um grande potencial em Gilmar, o amigo começou a pensar em possibilidades que permitissem que o jovem, cuja





renda não comportaria a mensalidade completa de uma universidade, voltasse a estudar. Foi então que uma bolsa do ProUni foi cogitada. “No início eu fiquei meio receoso, afinal já fazia dez anos que eu havia parado de estudar”. Depois de alguma insistência do amigo Gilmar fez a inscrição para o Enem. “Eu fiz a prova e fiquei na expectativa do resultado, quando ele saiu aguardei a data da inscrição para o ProUni, mas como a minha pontuação não tinha sido muito alta eu fiquei meio desanimado”.

Novamente o incentivo do amigo foi essencial para o sucesso na obtenção da bolsa de estudos, “Eu dei uma olhada nas opções de curso compatíveis com a minha nota e como não encontrei muitas opções eu desencanei. No último dia o Marcão veio, me incentivou e disse que me ajudaria”. Os amigos passaram quase metade do dia de trabalho procurando opções de curso dentre os disponíveis no site do programa, “Como eu queria contabilidade e as opções não eram muitas foi um processo difícil, mas finalmente eu encontrei uma vaga para pagar 50% na Faculdade Flamingo, que fica na região da Barra Funda, em São Paulo”.

Depois de encontrar o curso compatível o processo de comprovação de renda não foi complicado, pois Gilmar se enquadrava totalmente em todas as exigências do programa. “No dia em que saiu o resultado final eu fiquei bem feliz, sabia que tinha conseguido algo que é o desejo de muitas pessoas, estudar pagando um valor bem mais baixo do que o normal”. O apoio em casa veio por parte da mãe, que se sentiu muito orgulhosa do filho, o primeiro da casa a entrar em um curso universitário. O pai de Gilmar, por sua vez, demonstrou o usual tratamento indiferente, “Ele nem falou nada comigo, nem parabéns nem nada. Mas acho que no fundo ficou feliz também”.

A Faculdade Flamingo tem como perfil de estudantes pessoas muito parecidas com Gilmar, jovens que trabalham durante todo o dia para conseguir pagar a mensalidade, por isso sua adaptação à





instituição foi bem tranquila, “O pessoal que estuda comigo é bem legal, todos me respeitam muito. Ali não senti nenhuma discriminação por ser do ProUni”. Por sinal o sentimento dos estudantes para com os bolsistas é muito peculiar. “Os estudantes respeitam demais os bolsistas, pois eles sabem que temos que ter um bom desempenho para não perdermos a bolsa. Eles na verdade acabam admirando bastante nosso esforço”. O comportamento na faculdade as vezes surpreende o própria Gilmar, “No começo eu fiquei meio preocupado, porque fazia tempo que eu não estudava, mas eu estou me saindo bem, não peguei nenhuma DP”.

Hoje Gilmar está no quarto semestre e o curso de contabilidade demonstrou ser a escolha certa, “Como eu já trabalhei durante muito tempo com contabilidade e já conhecia a área, eu acho que fiz a escolha certa”. Inclusive ele já começou a colher os frutos oriundos do fato de estar cursando a universidade, “Hoje, por eu estar fazendo a faculdade, eu já consegui um melhor cargo no escritório. Eu agora sou o responsável pelo departamento societário, que cuida de abertura e encerramento de empresas, e isso eu não conseguiria se não estivesse fazendo contabilidade”.

Gilmar confirma ainda o sentimento, que em sua opinião, é o mais importante, “Meus filhos hoje tem muito orgulho do pai. Não que antes eles não tinham, mas o fato de terem um pai que estuda e se preocupa com o futuro deles ajuda a encher eles de orgulho”. Com lágrimas nos olhos, Gilmar expõe qual é seu maior desejo: “Quero que meus filhos sintam orgulho de mim. Se hoje eu estou estudando é para dar a eles um futuro. Meu maior desejo é dar tudo o que eles merecem”.

Gilmar apertou as mãos de maneira incisiva. Estava nervoso. Depois de tanto tempo afastado das salas de aula, teria que voltar a se apresentar na frente de toda a sala. Sabia que tinha a amizade de todos, mas se apresentar assim, de cara lavada, na frente dos demais





estudantes era uma coisa que o deixava nervoso.

Ele entrou no corredor que dá para sua sala, seus companheiros de grupo já estavam na frente da porta. Todos estavam com cara de preocupação. A professora de psicologia tinha fama de exigente e, para piorar, nenhum dos componentes do grupo sabia tocar instrumentos musicais. Gilmar fechou os olhos, não sabia por que a professora havia inventado aquilo, fazer versão de música, parecia tudo uma grande besteira. Imaginou que poderia ter aprendido a tocar algum instrumento na infância, talvez isso ajudasse naquela hora.

O grupo entrou na sala. O olhar dos alunos sentados em suas mesas, naquele momento, buscou os olhares dos alunos do grupo de Gilmar. Havia muita expectativa na sala, seria o primeiro grupo a se apresentar, haviam sido escolhido mediante sorteio. Maldito sorteio, Gilmar nunca levou muita sorte em sorteios.

*A professora, com seu ar sério de sempre, aguardava o início da canção. O grupo de Gilmar, então, começou a apresentação. Seus dotes vocais também não eram muito refinados, mas mesmo assim teriam que fazer algo à capela, não havia outra opção. A canção, por incrível que pareça, começou de maneira muito divertida, haviam feito uma versão de *É Preciso saber viver*, de Roberto Carlos. Os primeiros versos saíram meio sem sentido, mas logo começaram a agradar todos na sala. A professora, que sempre costumava ficar com a cara bem fechada, começou a esboçar um sorriso que logo se transformou em uma indisfarçável satisfação.*

Mais algumas estrofes da canção e todos na sala demonstravam alegria. Os alunos já haviam quebrado os protocolos e batucavam na mesa acompanhando o ritmo da canção. A professora já não fazia questão de disfarçar seu sentimento, estava muito feliz pela dedicação dos alunos que não sabiam tocar instrumentos. Eles haviam conseguido, apenas com atitude, contagiar toda a sala.

Gilmar observou as reações ao seu redor. Percebeu o semblante da professora e dos seus colegas de sala. Todos estavam felizes e sa-





tisfeitos. O jovem de 30 anos fechou os olhos, buscou a infância na memória, os momentos felizes na escola, o esforço para completar o ensino médio, buscou a relação com o pai e o esforço que sempre fez para agradá-lo. Seu pensamento foi ainda mais fundo e atingiu seu mais profundo sentimento. Pensou nos filhos e soube que neles sempre teria alguém para admirar suas conquistas. Abriu novamente os olhos, viu os semblantes felizes na sala de aula, naquele momento soube que havia feito escolha muito acertada. Sabia que estudando e se desenvolvendo poderia garantir um futuro promissor para ele e para os filhos. Buscou na memória novamente os rostos de seus filhos. Sabia que vendo aquela cena eles estariam muito felizes. Sabia que com aquela atitude estava conseguindo seu maior objetivo na vida. Estava orgulhando seus filhos.







Capítulo 3

Com Amor Tudo dá Certo Perfil de Janaína Santos Costa







O céu é o limite

A prova seria muito difícil. Todos na sala estavam com dúvidas. O professor, considerado o melhor do semestre, passou bastante conteúdo ao longo do curso. As aulas dele eram muito aguardadas, talvez as únicas que faziam a cabeça doer de tanta reflexão. Também pudera... Pra vários alunos dali, as noções de Sociologia iam um pouco além do básico, quase inexistentes.

Na véspera do grande dia, não se falava em outra coisa. Os alunos que não leram os textos requisitados fizeram fila na central de cópias da faculdade para tentar em um dia o que não conseguiram em quatro meses. As regras estavam claras: quem alcançasse a média, estaria aprovado. Quem não atingisse o resultado esperado, faria um exame, nas mesmas condições, quinze dias depois.

No dia da avaliação, somente alguns alunos se arriscaram a sair da sala no intervalo. O relógio apontava 21h15 quando o professor entrou. No horário da aula, fechou a porta e deu a notícia: a prova poderia ser realizada em trio. Um suspiro de alívio tomou conta da classe. Com três mentes unidas, não tinha como a dissertação ficar fraca. O professor passou duas perguntas e os estudantes perceberam que a situação era sim, bastante complicada. Ainda que em trios, vários terminaram a prova desanimados.

A semana passou e, na aula seguinte, o professor entregou as provas corrigidas, para fazer uma correção comentada. Trazia com ele uma má notícia: apenas um trio havia obtido nota suficiente para livrar do exame.

Um sorriso de orelha a orelha tomou conta dela logo que viu a nota 7 estampada na prova. “Ninguém naquela sala esperava que logo eu fosse ser do trio que tirou nota máxima. Minha alegria não cabia em mim. O céu era o limite”, brinca a estudante de Jornalismo Janaína Santos Costa, de 34 anos.





Futuro em risco

Ser o melhor de uma prova pode parecer pouco à primeira vista. Mas representou muito para Janaína, que jamais pensaria em fazer faculdade até dois anos antes de começar o curso. “Pra mim era um sonho distante, algo que nem passava pela minha cabeça, devido à falta de condições financeiras”.

O intervalo entre o fim da adolescência e a universidade foi cheio de percalços. Ela não concluiu o Ensino Médio, mais conhecido na época como colegial, no ano em que deveria, ou seja, 1993.

“Menina sonhadora que era, conheci um homem que, naquela época, mostrava ser o cara que toda mulher gostaria de ter. Pra mim, um príncipe encantado”. Desse relacionamento, nasceu a pessoa que, essa sim, encantaria a vida de Janaína, sua filha, Anne Cristina, que hoje está com 18 anos.

“Na época, foi muito difícil. Estava terminando o colegial e descobri que estava grávida. Tive que parar de estudar por conta da gestação”. O pai de Janaína exigiu que ela se casasse com o pai da criança. “Para o meu pai, o importante era casar, constituir uma família, e não estudar. Depois que eu fiquei grávida da Anne então, isso ficou mais forte”.

Ser mãe em pleno final da adolescência é um desafio muito presente nos lares brasileiros. No entanto, apesar de comum, perdura até hoje um ligeiro preconceito com as mulheres que dão à luz antes dos 18 anos. Cuidar da filha era a prioridade de Janaína.

Tempos difíceis

A vida de casada de Janaína significou um período de resignação, luta e dificuldades das mais diversas. “Com o passar do tempo, percebi que o pai da Anne não era tão bom quanto parecia. Aprontou bastante, fez várias coisas erradas, se envolveu com as pessoas erradas... Minha vida tornou-se dura demais”, disse.

A gravidez na adolescência é cada vez mais comum entre jo-





vens brasileiras desde o início da década de 90. Falta de orientação, imaturidade e a certeza de “amor eterno” compõem algumas das características que levam a meninas recém saídas da puberdade a se envolverem em relacionamentos amorosos que custam rompimento com os pais, amigos e estudos. Janaína, por exemplo, teve que abandonar a escola, para cuidar da filha.

“Eu tinha criado a ilusão de que ele era o homem da minha vida e depois percebi que era um crápula, não por ter sido um mau namorado, mas porque quando me vi grávida aos 16 anos, descobri que me traía. Mas como meu pai já havia dito que eu teria que me casar, mesmo com medo, aceitei e casei com o pai da Anne”.

Os problemas estavam apenas começando. Um filho requer uma série de cuidados que implicam em gastos. No caso de uma gravidez não-planejada, mais uma pessoa dentro de um lar modifica radicalmente as despesas, e se o salário for insuficiente, será complicado a criança crescer em um ambiente saudável. Para piorar a situação, o pai de Anne não deixava que Janaína trabalhasse. “Ele me proibia de trabalhar, porém não trazia comida pra dentro de casa. Dependíamos de nossos pais e era uma condição vexatória”.

Há um ditado popular na cultura ocidental conhecido como Lei de Murphy, que preconiza: se algo der errado, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo a causar o máximo estrago possível. Um tio do seu marido, detido 25 anos na penitenciária do Carandiru, acabara de sair e levou o pai de Anne ao envolvimento em atividades criminosas.

“Eu pedia pra ele não trazer drogas para dentro de casa, se a polícia aparecesse com certeza eu perderia a guarda da Anne. Ele me mandava calar a boca e passou a me agredir desde então. Me batia com cabo de vassoura, com enxada e me ameaçava com faca. Só não fugi porque, como ele andava armado, dizia que iria atrás da minha família”.

O pesadelo de Janaína durou cerca de dois anos. Depois de





tantas brigas e agressões, ela convenceu seu marido que não estava sendo bom para nenhum dos dois continuar o casamento. “Foi duro convencê-lo que a Anne ficaria comigo, ele queria a menina ao lado dele, claro que isso eu não deixaria”, explica, pensativa.

O retorno ao lar

Desempregada, sem completar os estudos e com uma filha pequena nos braços, Janaína voltou a morar com os pais. Livre do casamento-prisão, como ela disse, a meta agora era encontrar trabalho. O pai dela, eletricista de manutenção no Clube Paulistano, um dos mais tradicionais da cidade, ganhava o insuficiente para sustentar a esposa e filhas. A partir daí, a futura jornalista passou por muitos empregos. “Fui operadora de caixa, promotora de vendas, telefonista, recepcionista, auxiliar administrativa... Se eu contar todos os meus empregos, falaremos até amanhã. Hoje, por exemplo, trabalho fora do jornalismo, por pura necessidade”.

O exemplo de Janaína é comum entre os contemplados com bolsas do ProUni. Como dependem de seu salário, já que vários são arrimos de família ou são casados, alguns com filhos, não arriscam uma vida profissional estabelecida para aventurar-se em uma experiência de estágio na área de estudo. Abandonar um emprego fixo e trocá-lo por um estágio significa ganhar menos, apertar o orçamento familiar e abrir mão de uma série de coisas.

Quatro anos depois, Janaína enfim completou o Ensino Médio. Mas entrar na universidade era algo fora de cogitação, pois seu salário era insuficiente. Janaína tinha o sonho vivo na mente, no entanto, sua realização ainda era impossível. “Eu prestei vestibulares de universidades privadas na época. Passava e era chamada, mas na hora de pagar a matrícula, não tinha dinheiro. E daí chorava, chorava copiosamente. Cheguei a pedir pro meu pai, mas ele também estava com o dinheiro contado pras despesas do lar”.





Redenção

Janaína teve que aguardar mais algum tempo até pensar novamente na universidade. Por cinco anos, ela trabalhou na Medial Saúde, prestando atendimento ao paciente em diversas unidades da rede. É ali, por acaso, ela descobriu o que era o Programa Universidade para Todos. Como muitas coisas na vida, que acontecem por acaso, a possibilidade de entrar na faculdade apareceu, diante dela, ao alcance das mãos.

“Eu trabalhava na unidade Carlos Gomes e, de repente, me transferiram para a que ficava na Rua Barão do Rio Branco. Eu detestei, porque era um posto de atendimento infantil, e não tinha nada mais chato do que mãe de criança doente. Porém, lá eu pude conhecer uma colega que tinha obtido a bolsa no primeiro processo seletivo do ProUni, de 2004. A verdade é que nem ela sabia direito como funcionava o programa. Disse que era uma tal bolsa do governo, que fez o Enem para pleiteá-la, mas que era um projeto sério e, melhor, não pagava nada de mensalidade”.

A primeira reação foi uma ligeira desconfiança. O instrumento mais utilizado por estudantes de menor renda era o FIES, programa de financiamento estudantil em que o Ministério da Educação pagava a mensalidade do aluno e, após a formatura, ele inicia a quitação do débito, em prestações mensais, semelhante a um imóvel ou veículo. “Pensei como iria ter que pagar depois. Quando soube que a única condição do ProUni para manutenção da bolsa era o rendimento acadêmico, sabia que seria minha chance”.

Só que a história de Janaína traz uma peculiaridade em relação a outras, inclusive deste livro. Em 2005, ano que jogaria suas cartas para conseguir uma bolsa, ela não fez cursinho, sequer estudou. Seu horário de trabalho, com jornada de oito horas diárias, as tarefas domésticas e a criação de Anne, já adolescente, exigiam atenção total de Janaína.

Com determinação e vontade, fez a prova do Enem de 2005. A





intenção era cursar Jornalismo, profissão que se identificou lá no final da adolescência, época da redemocratização e abertura política, quando existia a noção de imprensa engajada, resquício dos tempos da ditadura. E conseguiu. Obteve 75% de aproveitamento, um índice alto para os concorrentes a vagas na área da comunicação social. “Chorei de alegria quando vi que tinha passado. Sem sombra de dúvidas, foi a maior conquista da minha vida”.

Mudanças radicais

Aos 31 anos, treze anos depois do que tinha planejado, Janaína chegava à universidade. A frustração de outrora, que resultou em lágrimas, hoje era uma realidade. Matriculada na Universidade de Santo Amaro (Unisa), começava mais uma etapa de sua vida. O primeiro desafio era readaptar-se a rotina de estudos, trabalhos, convivência com colegas e professores.

O primeiro ano foi bastante positivo, com alguns episódios marcantes, como o que foi descrito no início deste texto. Percebeu que gostava mesmo do Jornalismo, criou boas amizades e estava confiante quanto ao futuro, apesar de sérios problemas que a faculdade apresentava.

Janaína explica com expressão desolada: “A Unisa não tinha sequer um laboratório de fotografia. As aulas de foto eram pura teoria, por falta de lugar para praticar. Os laboratórios simuladores de rádio e televisão são precários, dificultando bastante o aprendizado. Nossa formação ficará aquém do que poderia ser. O MEC deveria estar mais atento a questões como essa”.

Movimentos ligados à educação no Brasil apontam a falta de qualidade de determinadas instituições como um dos principais entraves ao desenvolvimento do ensino superior no país. No caso específico do ProUni, a maior crítica é que o Ministério da Educação apenas concede a bolsa, sem avaliar se a faculdade escolhida atende a critérios básicos. Nos três primeiros processos seletivos do programa, em 2004 e 2005, houve denúncias sobre centros univer-





sitários que sequer possuíam cursos reconhecidos pelo MEC, mas ainda assim disponibilizavam bolsas pelo ProUni, um disparate que, segundo o próprio ministério, foi resolvido a partir do ano de 2006.

A falta de estrutura adequada, bem como uma pneumonia adquirida enquanto cursava o terceiro ano, fizeram com que Janaína ficasse retida em duas disciplinas e trancasse a bolsa, por um semestre. As decepções da vida acadêmica começaram a surgir.

É a vida

A falta de oportunidades no jornalismo tornava-se um incômodo. “Penso que se eu optasse por outro curso, ao invés de Jornalismo, talvez já estivesse atuando na área, iniciando uma carreira. Minha mãe, que sempre me apoiou quanto a entrar na faculdade, sempre me diz isso. De certa forma, o jornalismo foi uma decepção para mim”, diz Janaína, ligeiramente triste.

Outro fator preponderante, que pesa contra ela, é a idade. Pessoas acima dos 40 anos dizem que, quando estão desempregadas nessa fase, são considerados cadáveres no mundo corporativo, sem valor. No caso de um estágio, essa etapa chega ainda mais cedo, pelo menos segundo a experiência de Janaína. “Em vários processos seletivos dos quais participei, a minha idade sempre joga contra mim. As empresas desejam, para o perfil de estagiário, jovens que ainda não tenham tanta responsabilidade, que não necessitem tanto do dinheiro do salário, que estejam lá pela chance de aprendizado, acima de tudo. Imagine eu, mãe solteira, precisando ganhar relativamente bem para sustentar a casa. Sou o oposto do que querem e selecionadores já me disseram isso, sem rodeios”, conta, também sem rodeios, a paulistana que sempre morou na zona sul.

Com amor, tudo dá certo

No ano seguinte ao trancamento, Janaína retomou os estudos, recuperada da pneumonia que a deixou combalida. Ao longo desses





cinco anos em que faz a faculdade, não teve nenhuma experiência profissional. Porém, neste ano conseguiu, através de uma amiga, mandar alguns textos de sua autoria para um blog que fala de futebol voltado ao público feminino, o Futebol para Mulheres, vinculado ao diário esportivo “Lance!”. Um avanço considerável, depois de um ano duro como foi 2009 para ela.

Janaína mora junto à família, na casa dos fundos da residência onde vivem seus pais. Apesar de estarem próximos, não depende dos pais para garantir as despesas dela e da filha Anne, que mora com ela. Trabalha como operadora de telemarketing para uma empresa que presta serviços à Telefônica, do ramo de telefonia.

Anne Cristina, aliás, deixa a mãe preocupada. “Minha filha largou a escola, por razões diferentes das minhas, mas saiu. Cometeu o mesmo erro que eu. Infelizmente, ela não teve pai e por conta dos meus empregos acabei sendo uma mãe ausente. Agora, pelo menos vai fazer um supletivo e diz que pretende entrar na faculdade. Tomara que seja assim mesmo”, fala a esperançosa mamãe.

Perguntamos novamente sobre o pai de Anne, se ela nunca mais o viu. Segundo Janaína, ele não está mais lidando com atividades criminosas, mas “continua o mesmo cafajeste de sempre”. A filha não tem relações com ele, se encontram esporadicamente, ao acaso.

Sobre o que virá pela frente, Janaína mostra que é a mesma moça sonhadora de vinte anos atrás, algo positivo depois de tudo pelo que passou. “Vejam se serei ou não uma jornalista. Espero que sim. Tomara que você veja o meu nome lá em uma assessoria de imprensa, ou algo assim. Trabalho sempre pensando nisso. Quando fazemos as coisas com amor, acho que tudo dá certo”.





Capítulo 4

O Poder do Estudo Perfil de Fernando Duvaresh Costa







Fernando saiu da aula de inglês. Olhou para os livros, comprados com muito sacrifício, comprados com o único dinheiro que tinha. Muitos jovens na sua idade usavam o dinheiro para se divertir. Usavam o dinheiro para comprar roupas, para sair, para comprar jogos eletrônicos. Fernando, no entanto, tinha planos diferentes.

Ao entrar em casa lembrou imediatamente da mãe. Sabia de todo o esforço que ela fazia para garantir seu sustento e o de seus irmãos. Tinha a clara idéia que um dia poderia recompensá-la. Poderia dar à mãe uma vida com mais conforto.

Entrou no quarto, tinha que estudar, pois a prova para bolsa de estudos no cursinho pré-vestibular de Registro estava se aproximando. Sabia que a ajuda financeira que o irmão dava para a mãe estava sendo muito importante. Talvez o melhor a fazer fosse arrumar um emprego e ajudar a mãe e o irmão.

Fernando abriu o livro de inglês. Tinha certeza que um dia seu esforço para estudar inglês serviria para garantir uma boa oportunidade, não sabia quando e como, mas sabia. Algo lhe dizia.

Fechou os olhos. Tinha que se concentrar nos estudos. Sabia que ali estava a chave para o seu futuro. Sabia que o conhecimento garantiria uma bagagem que possibilitaria ajudar a mãe de maneira efetiva. Esse era seu objetivo, esse era seu compromisso. Devoraria os livros e o conhecimento que eles tinham a oferecer. A chave de seu sucesso estava ali, guardada nos escritos daqueles livros.

Amor materno

A história de vida de Fernando Duvaresh Costa é a próxima a ser contada. Antes, porém, cabe um breve parêntese: É impressionante como a participação das mães se mostra essencial em grande parte das histórias. Os motivos são variados, mas a presença materna é, quase que invariavelmente, uma constante. O caso de Fernando não é diferente. Ele mesmo explica o motivo:





“Meu pai faleceu quando eu tinha vinte dias. Meu irmão mais velho tinha apenas um ano e meio. Minha mãe criou tanto eu quanto meu irmão, a vida inteira como professora, pedagoga, de escola pública”. A vida de Fernando, mesmo com a forçada ausência paterna, teve um forte lastro educacional e uma base familiar muito forte. “Tive uma educação de lar bem consistente”, afirma.

“A minha mãe na verdade, até meus sete anos, assumiu o papel de mãe e pai. Então, até pelo fato de morarmos no interior, ela nos deu uma educação bem religiosa. Eu fiz tudo relacionado com igreja que você possa imaginar. Nós éramos muito próximos, mas mesmo assim ela sempre nos deu muita liberdade. Ela nos mostra o caminho, mas sempre nos deu a oportunidade de escolher”.

Quando Fernando tinha sete anos, sua mãe começou outro relacionamento amoroso, que culminou com a chegada de mais um irmão, chamado Gustavo. A vida familiar de Fernando continuou sobre bases bem sólidas, “Eu tenho muito respeito pelo meu padastro, ele é uma pessoa muito boa”.

Criado na cidade de Miracatu, na região do Vale do Ribeira, Fernando acredita ter tido uma infância tranquila, com uma criação dentro das possibilidades da família. “Nunca passei fome nem nada do tipo. Tínhamos nossas coisas nas devidas proporções, mas nunca passamos por dificuldades mais extremas, apenas não podíamos ter luxo”. Apenas como exercício de comparação, de acordo com Fernando, o salário integral da mãe, nos dias atuais, não seria suficiente para pagar a uma mensalidade da PUC.

Na escola a vida de Fernando também foi tranquila. “Eu e mais dois irmãos sempre estudamos em escola pública. Acredito que o ensino do interior tende a ser melhor do que o ensino das grandes metrópoles como São Paulo”. A explicação encontrada por Fernando para o fato de ter conseguido absorver melhor os ensinamentos da escola, está no relacionamento das pessoas. “No interior as pessoas são muito próximas, então é bem difícil ter casos de bullying





e discriminação entre alunos. Tem gente que quer estudar e tem gente que não quer, mas todos sempre foram meus amigos”.

Fernando sempre foi estudioso e tentou absorver ao máximo tudo o que a escola tinha a oferecer, sempre esteve entre os melhores alunos da sala, mas sabia que apenas isso não seria suficiente para entrar em uma universidade pública. “Eu sabia que para conseguir meus objetivos eu teria que dar um jeito de estudar mais”.

Quando chegou ao primeiro ano do ensino médio, Fernando começou a fazer um curso de inglês. “O curso era lá na cidade mesmo, a professora é considerada a melhor do Vale do Ribeira. Era muito barato, eu pagava cinquenta reais e ficava lá a semana inteira estudando”. Relata entre risos. “Ela dava aula mesmo por gostar daquilo. Era muito legal”.

Fernando sempre contou com o apoio de bons professores. Por ser estudioso, ele recebia muito incentivo, “Eu sempre percebi uma boa vontade da maioria dos professores. Eu podia enxergar neles uma certa defasagem de conhecimento, mas a maioria deles tentava dar o máximo para trazer conhecimento aos alunos”. Ele faz uma afirmação corajosa: “Eu acho que em muitos professores do ensino público falta conhecimento. Muitos não deveriam estar onde estão. Porém a maioria, dos que deram aula para mim, era dedicada”.

Trabalho ou estudo

A adolescência foi uma passagem chave na vida de Fernando. Ele teve que tomar uma decisão que poderia mudar sua trajetória para sempre. Escolher entre um caminho que acreditava ser o certo e outro, que poderia levá-lo ao sucesso momentâneo, mas que poderia comprometer seu planejamento de futuro. Ele explica:

“Meu irmão mais velho começou a trabalhar muito cedo. Desde os treze anos, por vontade própria ele começou a trabalhar para poder ter as coisas dele. Comprar roupas, sair, jogar videogame”.

Quando tinha de quinze para dezesseis anos, Fernando teve que





fazer uma escolha: “Eu comecei a sofrer uma certa pressão da minha mãe, para que eu também começasse a trabalhar. Para ajudar também financeiramente”.

A dúvida brotou na cabeça de Fernando. Sabia do sacrifício que a mãe fazia para criá-lo da melhor maneira possível, mas, por outro lado, tinha a plena convicção de que através do estudo conseguiria atingir seus objetivos e até mesmo superar suas expectativas. Sua decisão, no futuro, se mostraria acertada.

“Eu falei para minha mãe segurar um pouco as coisas. Eu achava que tinha que continuar estudando e que quando terminasse o terceiro ano eu conseguiria algo melhor para todos. Eu disse: aguenta aí que vai dar certo”.

Foi então que mais uma vez o amor da mãe, combinado com a extrema confiança na capacidade do filho, ajudou a transformar a vida de Fernando positivamente. “A minha mãe ganhava, também, uma pensão de um salário mínimo do meu pai que faleceu. Então ela começou a dividir entre eu e meu irmão. Na época o salário mínimo era trezentos reais. Então ficava cento e cinquenta para cada um”.

Fernando pegava esse valor e usava para pagar o curso de inglês. O dinheiro que sobrava ele também investia na sua educação, “Eu comecei a comprar apostilas de um cursinho que eu queria fazer. Investia tudo no estudo, pois tinha a clara idéia de vencer através do estudo”.

Os planos de Fernando mudaram um pouco no segundo ano do ensino médio. A mãe ficou desempregada por um tempo, então ele teve que trabalhar para ajudar no custeio da casa. “Eu estudava de manhã, trabalhava como balconista em um bar na parte da tarde e fazia cursinho comunitário, como ouvinte de pré-vestibular”. Era um cursinho da prefeitura.

Durante o terceiro ano do ensino médio, o cursinho foi reformulado e Fernando decidiu mudar. “Os professores bons haviam saído,





então eu decidi não continuar”. A solução encontrada por ele demonstra toda a sua vontade de estudar: “Nós juntamos alguns alunos do terceiro ano e conseguimos pagar reforço de três matérias: química, física e português. Nós pagávamos trinta reais para os três melhores professores da região e eles nos davam aulas de reforço”.

No segundo semestre, ainda no terceiro ano do ensino médio, Fernando conseguiu uma bolsa de estudos no melhor cursinho da região, que fica na cidade de Registro, “Eu fiz uma prova e consegui bolsa de estudos integral. Foi muito importante”.

A universidade

Era chegada a hora do vestibular. Fernando colocaria à prova todo o investimento que colocou nos estudos. Seria o teste para saber se toda a opção de vida que ele escolheu daria resultados.

“Eu prestei para três públicas em São Paulo. Na verdade eu queria prestar também para fora de São Paulo, mas meu irmão já estava aqui e estava trabalhando, então decidi que viria para cá”.

Fernando conta, orgulhoso, um pouco da história do irmão: “Como ele trabalhou desde muito cedo, ele tinha um espírito vendedor e empreendedor muito forte. Então ele se deu super bem. Com apenas dezenove anos ele já havia conseguido ser gerente de um grande banco”.

Como seu irmão já estava em São Paulo, incentivou sua vinda. “Ele me ajudaria na alocação e dizia que os melhores empregos estavam aqui”. O fator financeiro também pesou nessa escolha. “Imagina se eu tivesse prestado em Minas ou no Nordeste e tivesse que ficar cinco anos estudando sem ter renda nenhuma. Minha mãe não teria condições de ajudar”.

Fernando tentou UNESP, UNICAMP e USP, respectivamente jornalismo, economia e marketing. “Cheguei a passar para segunda fase na USP. Na UNESP, que era apenas uma fase, eu fui bem. Se tivesse prestado o curso de administração, que é o curso que eu faço





hoje, eu teria conseguido vaga”.

Como também havia feito o ENEM e obtido um bom resultado, Fernando decidiu tentar uma vaga pelo programa ProUni, “Eu não poderia ficar mais um ano fazendo cursinho. Entrei pelo ProUni, para cursar administração, na Faculdade Tancredo Neves”.

A Faculdade Tancredo Neves tinha ótimos professores e havia conseguido conceito A no MEC, no curso de administração. Ocorre que um grande problema ameaçou atrasar a jornada de Fernando: “Após o primeiro semestre, a faculdade fechou por problemas financeiros. A mantenedora tinha uma visão de que os bolsistas eram bons alunos e iriam transformar a faculdade positivamente. Na minha sala, de quarenta alunos, trinta e cinco eram bolsistas. É que talvez ela não tenha se atentado ao fato de que nenhuma empresa se mantém sem dinheiro”.

A continuação do curso de todos os alunos da Faculdade Tancredo Neves ficou ameaçada. “O pessoal que era do ProUni ficou meio perdido. Nós íamos nas portas das faculdades explicar o caso, mas elas não tinham como alocar quarenta bolsistas”. O irmão estava cursando administração na Faculdade São Luis e foi lá que Fernando decidiu pedir abrigo no momento, “Meu irmão explicou a situação para o responsável pelo ProUni na São Luis. Eu mandei uma carta explicando toda situação e eu e uma colega acabamos entrando na São Luis”.

Ele continuou fazendo administração, mas algo não estava correndo do jeito que ele havia imaginado, “A São Luis era uma boa universidade, mas não tinha muita pesquisa e eu sentia falta de algo que não encontrava lá”. Foi então que Fernando decidiu prestar novamente o ENEM.

Seu desempenho na segunda tentativa no ENEM foi melhor, então aumentaram consideravelmente suas chances de conseguir uma vaga em universidade de maior prestígio e com mais peso de pesquisa. Para felicidade de Fernando, ao final do processo de sele-





ção, sua nota foi suficiente para garantir a entrada na PUC-SP, para terminar o curso de administração. “No início de 2007 eu consegui a bolsa de estudos na PUC e consegui equivalência de basicamente toda a grade, então como o curso é de cinco anos eu terminarei agora no final de 2010, como se eu tivesse entrado na PUC em 2006 mesmo”.

Ao explicar sua entrada na PUC, Fernando dá um importante depoimento sobre o ProUni como um todo: “Meu diferencial de 2006 para 2007 foi a redação, onde eu melhorei consideravelmente, a minha pontuação foi entre 86 e 87. Foi difícil de entrar. O grande ponto é que você está concorrendo com alunos de escola pública, então se você se dedicou em escola pública, você consegue se destacar. Na verdade se nós tivéssemos um ensino igual para todos, nós não precisaríamos ter um programa como o ProUni, que é uma medida paliativa. Acredito que é uma medida de curto prazo, para mim deveria durar, no máximo, mais dez anos. No entanto é uma medida que serve como uma correção histórica importante, pois nas escolas públicas tem muita gente de capacidade, tem muita gente com um potencial gigantesco que é inexplorado, então temos que investir em ensino básico, mas também fazer uma política paralela para beneficiar a nossa geração. É fato, é comprovado através de pesquisas feitas com provas que os alunos de escola pública, que se dedicam, podem ser o que for, desde que tenham oportunidade”.

Uma vez estando na PUC, Fernando pôde colocar em prática um de seus maiores objetivos na “etapa” universidade. Começou um projeto de pesquisa científica. “Para escolher a pesquisa eu contei com auxílio de uma professora/doutora, que dá aula de psicologia na PUC, que se chama Mirte. Decidimos fazer algo ligado a gestão de carreiras, que tem ligação com administração e psicologia”.

O tema escolhido, então, foi uma sugestão da professora, pois a mesma recebia muitas reclamações, por parte dos alunos bolsistas da PUC, sobre a dificuldade para entrada no mercado de trabalho.





“Decidimos fazer um estudo sobre a carreira do aluno do ProUni e sua inserção no mercado de trabalho. Foi muito trabalhoso, mas gerou algo do qual tenho muito orgulho”.

Fernando considera o projeto de iniciação científica o primeiro passo para uma carreira acadêmica, um dos seus grandes objetivos para o futuro. Porém, talvez o destino o tenha colocado em uma situação na qual outro caminho esteja mais palpável no momento. O seu desempenho no mercado de trabalho parece conspirar para um futuro empresarial promissor. Ele nos conta: “Quando eu entrei na PUC, eu sabia que pelo nome, que é inquestionável, eu poderia ter oportunidades”. Através de uma colega da própria PUC, casada com um dos diretores da IBM, Fernando conseguiu uma oportunidade para participar de um processo seletivo na empresa multinacional.

Na realidade o processo seletivo começou de uma maneira não muito convencional. “Ela chegou um dia e disse: “desce lá no bar na frente da PUC, que meu marido vai fazer uma entrevista com você”. Isso mesmo, uma entrevista no bar.

Fernando foi aprovado na entrevista, mas restava uma condição, uma etapa vencida graças ao esforço e a dedicação ao estudo que Fernando teve na adolescência. “Eu precisei fazer uma prova de inglês e raciocínio lógico. A prova de inglês foi tranquila justamente pelo curso de inglês que eu havia feito no interior”.

A entrada na IBM foi uma completa surpresa para Fernando, “Eu nunca tive visão de tecnologia e nunca pensei em entrar na IBM, pois no interior a tecnologia é muito atrasada e nós não temos muita influencia de propaganda, então para mim era uma área bem desconhecida”.

O início foi como estagiário. Na verdade ele ficou dois anos no programa de estágio da empresa, “O acúmulo de conhecimento foi estrondoso, algo inimaginável para mim, aprendi muito e me apaixonei por tecnologia”.





Fernando, hoje, está efetivado na IBM e trabalha com governança de tecnologia da informação. “Estou bem, estou efetivo e já tenho certificações da área e estou buscando mais certificações”. Ele contou, inclusive, que no dia da entrevista uma de suas ex-chefes entrou em contato, pois estava interessada em seu retorno para sua equipe, justamente pelas certificações obtidas por ele. “Segundo ela a empresa estava me enxergando de maneira muito positiva, como uma pessoa que busca conhecimento, e isso me anima muito”.

O futuro de Fernando, ao que parece está muito bem encaminhado. Talvez ele siga como um executivo de mercado, talvez seja professor como havia planejado inicialmente. O importante é que a chance que ele sempre mereceu chegou. Um chance que foi possível graças ao ProUni.

Fernando entrou em casa. Viu as fotos de infância na sala de estar. Percebia que a mãe se orgulhava muito dele e dos irmãos. Sabia que se hoje estava feliz e se realizando profissionalmente devia muito à mãe. Entrou no quarto antigo e lembrou das tardes estudando na infância e adolescência, lembrou do sacrifício que fez para garantir, através do estudo, um futuro. Um futuro que cada vez mais se desenha promissor. Um futuro que veio até antes mesmo do que ele imaginava e de uma forma diferente do que imaginava. De qualquer forma, o presente e o futuro de Fernando está sendo desenhado com muito esforço. Um esforço através do estudo.







Capítulo 5

Contando Histórias

Perfil de Mafuane Silva Oliveira







Uma grata surpresa

A Virada Cultural é um dos principais eventos do calendário paulistano. Anualmente, o público que assiste às atividades culturais aumenta bastante, tomando as ruas da região central e os espaços fechados onde há alguma atração marcada.

Para ela, era uma honra poder participar, só que agora do outro lado, daqueles que se apresentam ao público. Claro que junto com a honra havia também uma ansiedade muito grande, já que seria sua primeira experiência diante do público externo. E pra deixá-la ainda mais tensa, sua companheira de espetáculo não estava presente.

Naquela tarde de sábado, a Casa das Rosas, na Avenida Paulista, preparava seu saguão para receber entre 50 e 60 pessoas. Palco montado, cadeiras ajeitadas, prontas para recepcionar o público infanto-juvenil que assistiria “A Quase Morte de Zé Malandro”.

Quando ela desceu as escadas, teve uma grata surpresa. Todas as cadeiras ocupadas, gente em pé se esgueirando para obter um ângulo melhor, e o aspecto mais interessante, um público diversificado, com casais de namorados, idosos e adultos aguardando o início da apresentação.

A professora e contadora de histórias Mafuane Silva Oliveira, de 26 anos, relembra com carinho esse episódio: “Apenas duas crianças assistiram ao espetáculo. Os outros eram todos adultos, que nem piscavam de tão envolvidos que estavam. Quando terminou, vários deles vieram me cumprimentar. Conte a história como se fosse para crianças”.

Reviravoltas

Quem observa Mafuane tão empenhada e apaixonada por seus projetos na área da educação acredita que ela sempre imaginou estar ali. Porém, ser professora estava longe dos planos quando concluiu o Ensino Médio, em 2001.





“Eu queria fazer teatro. Dizem que teatro não dá dinheiro, então pensei em fazer Jornalismo por gostar muito de comunicação, de falar. No início pretendia equilibrar a carreira jornalística com alguma coisa relacionada a artes”.

Por não ter condições de pagar as mensalidades das universidades privadas, Mafuane tentou por dois anos consecutivos passar nos vestibulares de universidades públicas de linha, como USP, Unesp, Unicamp e inclusive a PUC-SP (pensando em solicitar bolsa de estudos dentro de critérios filantrópicos). Devido aos insucessos, resolveu fazer cursinho pré-vestibular. Paralelamente a isso, começou a trabalhar em um call center, trabalhando em uma central de retenção de clientes de um banco de grande porte. No final de 2004, prestou Letras e, pela primeira vez, conseguiu passar à segunda fase da Fuvest. Nessa época, com a mente voltada ao trabalho, a universidade serviria como um complemento à atividade profissional.

Mafuane não conseguiu a aprovação para o curso de Letras. Resolveu então tentar uma bolsa por meio do ProUni, que estava em sua primeira edição e era desconhecido de grande parte dos estudantes. Foi o único ano em que sobraram vagas em vários cursos e instituições. Para sanar esse problema, o MEC permitiu que os alunos utilizassem as notas do ENEM de 2003, quando ainda não havia o programa, a fim de ocupar as vagas remanescentes. “Percebi que poderia conseguir uma bolsa porque meus resultados no ENEM de 2003 foram muito bons”. E a partir daí reescreveu sua história.

Matriculada no curso de Pedagogia na Faculdade Sumaré, Mafuane vinculava a formação superior ao crescimento em sua empresa. “Recebi uma promoção na empresa onde trabalhava, onde passei a trabalhar como analista motivacional. Entrei no curso de Pedagogia pensando no desenvolvimento pessoal na firma, achei que iria ajudar”.

O perfil de Mafuane era bem diferente das colegas de curso, em geral bastante idealistas. “No curso de Pedagogia é normal as pessoas





falarem que escolheram o curso porque adoram crianças. Eu criei inimizades logo no início, logo no primeiro dia disse que detestava crianças, que não gostava de trabalhar com elas e que jamais gostaria de dar aulas. Um choque para todo mundo”, conta aos risos.

Enquanto isso, o banco em que prestava serviços, satisfeito com o trabalho de Mafuane, a convidou para ter vínculo direto com o banco, um sonho para muitos empregados terceirizados, que pretendem se tornar bancários, trabalhando em campanhas motivacionais para aumentar as vendas. Entretanto, em determinado momento, o banco precisou fazer corte de pessoal. “Sempre olham para o que consideram supérfluo. O meu trabalho era uma cereja no bolo e o bolo sobrevive sem a cereja”, disse a própria Mafuane.

A experiência e qualidade do trabalho de Mafuane garantiram uma nova proposta, ainda no banco: ser coordenadora dos supervisores, um trabalho de caráter administrativo. Uma experiência que não durou muito.

“Fiquei infeliz porque o meu trabalho se resumia a analisar números, definir metas e cobrar resultados. Se a meta foi atingida, tudo bem. Caso contrário, tinha que mandar um monte de funcionários embora, não importando a situação pessoal de cada um deles. As avaliações não eram justas e entravam em conflito com meus valores, meus pensamentos. Queria sair dali de qualquer jeito”, contou.

A oportunidade de mudança de ares surgiu no final de 2007, após seis longos anos atuando na área de telemarketing e atendimento ao cliente. Uma colega que trabalhava em um conceituado colégio paulistano a convidou para trabalhar em um projeto novo, um programa de estímulo a leitura utilizando um ambiente com livros, computadores e contação de histórias. “No início neguei. Disse que não queria dar aulas. Mas ela me convenceu com o argumento de que eu não ia ser aquele perfil tradicional de professora de ensino fundamental, que é polivalente, lecionando todas as ma-





térias... Arrisquei e pedi demissão do banco, às vésperas do último semestre na faculdade. Foi um marco na minha vida”.

Um novo mundo

A descoberta do potencial da educação na transformação das pessoas acendeu uma luz e uma aptidão que Mafuane desconhecia. Houve uma mudança radical, sob vários aspectos, na vida da quase pedagoga.

“Estava no último ano de Pedagogia, fazendo o trabalho de conclusão de curso, que era voltado às minhas atividades no banco. Mudei tudo. Tanto o tema como a forma de me vestir, de falar... Troquei o salto e o terninho básico pelo tênis e pela calça de larga. Tive que abandonar a formalidade do banco pela informalidade no tratamento com as crianças, enfim, um período de grandes mudanças”.

Mafuane se identificou de tal forma com o projeto no colégio que buscou formas de aperfeiçoamento no tratamento com crianças. Fez um curso para contadores de histórias com Stella Barbieri, um dos nomes mais conhecidos do país nessa arte, resgatando em partes o sonho antigo de ser atriz aliado a um desafio, usando técnicas de encenação por uma ótica educativa.

A identificação com o trabalho foi imediata. Mafuane percebeu a importância que sua tarefa tem na educação das crianças. Contar histórias, um ato aparentemente simples, auxilia os pequenos a se desenvolverem, a transpor barreiras, a se deparar com medos e vencê-los, por meio das fábulas.

O desafio atendeu tanto às suas expectativas que Mafuane, ao lado de uma amiga, montou uma companhia de contação de histórias, a Chaveiroeiro, que chegou a se apresentar quatro vezes na última edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Uma transformação radical

Abandonar uma carreira sólida, em franca ascensão, para se dedicar a um sonho é uma situação pouco comum entre bolsistas





do ProUni. Muitos dos bolsistas que conhecemos ou conversamos apontam que esse entrave representa a principal dificuldade na decisão de entrar definitivamente na área de seu curso.

Os autores desse projeto estão entre aqueles que sofrem com isso. Afinal de contas, o salário de um emprego fixo permite quitar as dívidas familiares. Trocar uma ocupação estável por um estágio que pagará bem menos, com prazo de término e possibilidades de contratação incertas é complicado, porque em caso de revés, o ambiente familiar fica prejudicado e cobranças começam a surgir. Ma-fuane explica suas impressões a respeito do assunto:

“Às vezes, temos dificuldades e nos esquecemos de nos próprios, de quem somos e deixamos a vida nos levar. Sobretudo quando somos responsáveis pelo próprio sustento. Há cursos, como medicina, por exemplo, que se ninguém te der respaldo, é impossível se manter. O bolsista do ProUni não tem essa estrutura. Na maioria, são arrimos de família e têm que dar contribuição em casa, e aí o lado ideológico da formação, aquele sonho, fica guardado. Quando eu entrei no call center, aos 18 anos, eu entrei naquele emprego para pagar um cursinho, um período transitório para chegar à faculdade. Eu pagava tudo: mensalidade, alimentação, transporte... Isso foi muito positivo. Devido ao meu desempenho, criei oportunidades e acabei construindo carreira na área. Você adapta o seu sonho às necessidades e às oportunidades que aparecem”.

Ainda assim, insistimos em saber se algum episódio especial foi responsável pela mudança de rumos com relação à Pedagogia, partindo da idéia de usar o curso para agregar conhecimento às aspirações no banco e chegando a uma educadora nata, imersa em projetos de cultura popular e contação de histórias. Uma professora na universidade deu o pontapé inicial na descoberta desse sonho.

“Tive uma professora que costumo dizer, é minha fada-madrinha. Era muito provocativa nessa questão de transformar as pessoas através da educação. Já me fez até chorar por causa disso”, contou.





O aluno faz a escola

Uma das curiosidades que tínhamos é saber se, anos depois, olhando para trás, Mafuane acredita que as coisas seriam diferentes se tivesse entrado em uma universidade pública.

Qualquer estudante do país tem o sonho, ainda que esteja guardado nas profundezas do pensamento, de estudar em uma universidade de ponta. Universidades públicas como a USP, por exemplo, e Mackenzie e PUC, no caso das privadas, dão ao aluno a possibilidade de encher a boca ao falarem que estudam nesses centros acadêmicos. Temos certeza que muitos se surpreenderiam ao ouvirem que algumas salas da PUC-SP não possuem teto, faltam projetores e até salas para professores ministrarem as aulas. Porém, isso pouco importa. Empresas procuram um nome de universidade de ponta no currículo e, quando vêem esse nome, acreditam que o concorrente é de alto nível.

Em compensação, os alunos de universidades menos reconhecidas reconhecem a superioridade de outros locais, porém sempre defendem que o aluno faz a escola, ou seja, seu empenho, sua obstinação e suas dificuldades superam a suposta inferioridade acadêmica, elevando o status da faculdade.

É curioso observar que, entre os bolsistas que compõem esse projeto, os que estudam em universidades de ponta crêem que isso é um diferencial, e os que têm bolsa em universidades de porte médio ou pequeno dizem que se o aluno mostrar boa vontade poderá equilibrar a diferença de conteúdo.

Mafuane acredita que a motivação é essencial para realizar seus objetivos, independente do lugar em que você esteja. Para fortalecer seu argumento, ela lembra as idéias do filósofo e líder budista japonês Daisaku Ikeda. A opinião da educadora torna-se bem clara ao ler três passagens de uma das principais obras de Ikeda, “Diálogos com a Juventude”:





“A grandiosidade do ser humano não é determinada pela formação educacional nem posição social. Nem a pessoa formada na melhor faculdade está isenta de fazer atividades criminosas. Há pessoas na elite que são arrogantes”.

“Gostaria de formar líderes, e não elitistas”.

“Torne-se uma inspiração para aqueles que não podem estudar em escolas boas. Aqueles que começam sob circunstâncias difíceis e tornam-se indivíduos de primeira linha são inspiração para muitos. Por favor, lembre-se que formação acadêmica não é tudo. Grandes homens nunca passaram pela academia. Reverencie o conhecimento de forma que seja benéfico a todos”.

O fim da história

Atualmente, Mafuane está se especializando na arte de contar histórias. Ao lado de Marília Maia, companheira na Chaveiroeiro, faz cursos de aperfeiçoamento, participa de workshops e encontros da área. “Contar histórias é tão bacana, imagina ganhar pra fazer isso”, diz.

Além disso, trabalha em um colégio bilíngüe em São Paulo, onde coordena o programa Coisas Daqui. Os alunos têm aulas em inglês durante toda a semana, e apenas por duas vezes, 30 minutos cada, têm contato com o português. Mafuane é o elo deles com o nosso idioma, explorando o conceito de cultura popular por meio de contação de histórias e atividades lúdicas.

E também está avaliando uma proposta de mediar um blog patrocinado pela Secretaria Municipal da Educação, ainda em fase de idealização, que prevê a criação de uma biblioteca interativa. “O projeto prevê criar uma rede contando com alunos, professores e autores, onde todos possam publicar sua poesia, sua crônica, sua resenha”, conta.





Nem só de trabalho vive Mafuane. Entre suas atividades de lazer, ela gosta de dançar e meditar, “pra dar uma aliviada na mente”, como nos disse. Mas tem algo que ela adora fazer quando está de folga:

“Adoro ler livros infantis!”.

É, realmente o ato de educar está no sangue dessa paulistana, quase bancária, quase jornalista e hoje uma devota convicta do poder da educação na transformação do ser humano.





Capítulo 6

Mirando Estrelas

Perfil de Andreza Aparecida Streitenberger







Sonho de Criança

A porta da sala estava aberta. A pequena Andreza entrou e olhou para os amiguinhos. Alguns corriam, outros estavam mais interessados em brincar com um pequeno inseto que havia pousado próximo da janela.

Andreza se aproximou de um grupo de meninos. Era impressionante, sempre teve mais amigos meninos do que meninas. Algumas meninas eram muito paradas, não acompanhavam as brincadeiras de Andreza. Ela olhou para o inseto demoradamente, riu e foi sentar no seu lugar habitual na sala.

A professora entrou. A turma da primeira série, aos poucos, começou a tomar os seus lugares. “Pessoal vamos sentar, porque hoje vamos brincar de escolher profissões. Cada um vai pegar um papel e um lápis e vai desenhar o que quer ser quando crescer”. Falou, quase cantando, a animada professora.

Andreza pegou o papel e o lápis. Já sabia o que queria ser. Não precisava pensar muito para decidir. O futuro já estava bem claro na cabeça da garotinha. Começou, levemente, a desenhar os primeiros traços. O objeto que ela tentava desenhar era típico da profissão. Andreza muitas vezes já tinha se imaginado batendo na mesa de madeira. “Ordem, ordem”. Sorriu.

O desenho já estava quase completo. Era um martelinho. O martelinho que representa a justiça. Representa aquela que deve julgar. Que deve ter a sabedoria necessária para entender os fatos, analisar todos os indícios e provas. Andreza sorriu de novo. As palavras voltaram à sua cabeça “Ordem, ordem, ordem no tribunal”.

Na imaginação de Andreza o martelinho bateu três vezes na mesa de madeira. Ela pôde observar claramente o seu futuro. Desde muito pequena já sabia exatamente o que queria. Ela queria estudar as leis, ser justa. Andreza queria usar a toga negra. Queria ter o ar de sabedoria e respeito. Andreza queria ser juíza. Não sabia quando,





não sabia o quanto teria que viajar para realizar o sonho, mas sabia o que queria. Andreza seria juíza.

Criação de base

A próxima perfilada é Andreza Aparecida Streitenberger. Ela nasceu em Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Passa Quatro. Sua infância foi típica de cidade do interior. “Brincava no quintal de casa mesmo, com aquilo que estava no meu caminho: árvores, argila, animais. Nunca tive videogame, seja porque era caro na época, seja porque gostava mais de brincadeiras ao ar livre”.

Andreza nasceu em uma família muito unida e foi filha única durante dezoito anos, o que fez com que sua criação fosse muito especial. Seus pais sempre foram muito presentes e a relação com ambos sempre foi a melhor possível. “tinha toda a atenção deles voltada para mim. Conversávamos sobre tudo: escola, amigos, notícias e até política! Meu pai sempre adorou a política e eu vibrava com as informações na mesa do jantar, quando todos nós obrigatoriamente comíamos juntos”.

Os pais de Andreza sempre trabalharam duro para garantir uma boa criação para a filha. “Meu pai foi vendedor de cerveja, de biscoitos, locutor de rádio, vereador, assistente jurídico e, agora, bancário. Minha mãe foi também vendedora, depois cabeleireira e, hoje, copeira”. Andreza, quando fala dos pais, demonstra muito orgulho. Dá para sentir que o exemplo recebido em casa serviu de base para a formação de sua personalidade. “Aprendi com eles o significado da expressão ‘o trabalho dignifica o homem’, e nunca mais esqueci”.

E não esqueceu mesmo. Ainda muito jovem a garota já trabalhava e demonstrava perfil de liderança, “eu trabalhei como recreadora numa pousada da região aos 10 anos”. A influência positiva dos pais sobre Andreza, também se fez presente no gasto do dinheiro que ganhava no primeiro trabalho. Diferente de outras crianças, ela não quis comprar um video-game ou algo do tipo. “Meus pais incenti-





vavam outras atividades que não fossem ficar na frente da TV. Daí surgiu o meu gosto por leitura, por exemplo”.

Quando tinha dezoito anos, Andreza foi surpreendida com a notícia de que teria uma irmã. A pequena Audrey nasceu e trouxe ainda mais harmonia para a vida da família. Hoje ela está com três anos. “Nos damos super bem, apesar de às vezes eu não ter muita paciência e ela desejar mais atenção do que eu consigo oferecer, por falta de tempo”. O relacionamento com os pais continua bem próximo. “Ainda somos grandes amigos e conversamos sobre tudo! Por óbvio, a vida na ‘cidade grande’ deixa tudo mais corrido e não conseguimos mais aquele jantar com todos reunidos, mas a convivência é excelente”.

Na escola

Andreza sempre foi muito estudiosa. Mas no início essa inclinação ao estudo não era por uma opção pessoal. “Até a 4ª série eu era pressionada por meus pais, principalmente pelo meu pai, que sentava comigo na mesa da cozinha e exigia o dever de casa feito ou tomava a tabuada, a levar a sério as aulas”.

Na cabeça de Andreza a escola servia mais como um lugar para encontrar com os amigos. “escola significava estar ao lado dos amigos para se divertir”. Diz. “Naquela primeira fase escolar (até a quarta série), tive poucos amigos. A maioria, menino. Eu nunca gostei muito das brincadeiras calmas de meninas. Eu gostava era das peraltices dos moleques”.

A mudança para a quinta série foi uma verdadeira mudança de fase para Andreza. Na cidade de Andreza a mudança é uma transformação completa, pois, muda-se de espaço físico, do grupo para um colégio. “No colégio fiz mais amigos. E passei a me relacionar melhor com todos”. Ela tem uma explicação para o fato de ter poucos amigos até a mudança para o colégio. “acredito que o fato de ter sido filha única me trazia esta característica de me sentir muito bem sozinha”.





E Andreza não mente quando diz que, no colégio, fez muitas amizades. Mais do que isso, ela participou ativamente da vida estudantil e teve grande destaque no período em que esteve no colégio. Ela conta: “Eu fui eleita Presidente de um Grêmio Estudantil com votação recorde na escola pública que estudava. Trouxe pais e os alunos nos fins de semana para a escola. Juntei um bom grupo de trabalho e realizávamos reuniões periódicas”.

Ainda na escola, ela já dava demonstrações do seu perfil de liderança. “Também participei de um projeto da agenda 21, tendo sido escolhida pela escola para ser a delegada nos encontros de Meio Ambiente e agenda 21. Nestas oportunidades, viajei várias cidades de Minas Gerais encontrando e fazendo amizade com outros gremistas e interessados, alguns deles atualmente envolvidos na política, inclusive”.

“Também nesta época final do colégio ganhei um concurso de artigo promovido por um cursinho em Juiz de Fora. Fui buscar o prêmio representando Minas Gerais e custeada pela Prefeitura. Cheguei a ser entrevistada na rádio da cidade, inclusive. Prova de que os estudos passaram a ter uma importância significativa na minha vida”. Contou uma orgulhosa Andreza.

A vida para o estudante de escola pública não é fácil. A escola de Andreza não era diferente, “O estudo era, e ainda é, irregular e deficitário em algumas matérias. No ensino médio, tive que fazer algumas aulas particulares de matemática, física e química para poder prestar vestibular e fazer o ENEM”. Mas as dificuldades servem como estímulo para aqueles que querem vencer e Andreza, sem dúvida, é um desses casos.

Sonho grande

Andreza diz que desde muito pequena já sonhava em ser juíza. “O sonho não surgiu, na verdade. Creio que tenha sido um misto de vocação com vontade dos meus pais. O interesse pela política, despertado





logo cedo em mim, fez com que me interessasse por leis também”.

O apoio dos pais e amigos também serviu de incentivo para a garota “Meu pai incentivava. Minha mãe também incutia a idéia de que a profissão seria uma boa escolha. Tive dúvidas do que fazer bem perto das escolhas dos vestibulares, mas senti uma dificuldade enorme em tentar escolher outras opções. Não me via fazendo outra coisa...”.

O que ajudou muito Andreza foi clareza de pensamento: “Nunca sonhei pouco, pelo contrário, sempre mirei nas estrelas, como uma vez aconselhou um pensador, mas eu sabia que ia encontrar o pior obstáculo à educação de qualidade no Brasil: a escassez de dinheiro”. Por isso, Andreza se dedicou ao máximo para atingir o seus objetivos. E eles, hoje, estão mais próximos do que nunca.

Chegada na universidade

É fato inegável que a entrada na Universidade é uma época chave na vida dos jovens. Quando essa época vem junto com a decisão de mudar para uma cidade incontáveis vezes maior do que a sua cidade natal, então, o peso é ainda maior.

Foi justamente isso que aconteceu com Andreza. No início, no entanto, Andreza estava mais inclinada a permanecer em Minas Gerais. “Fiz um tipo de vestibular conhecido como seriado, na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Neste tipo de teste, que se faz durante os três anos do ensino médio, é verificado o conhecimento do candidato com o conteúdo visto durante o ano e, à época, eram separadas 30% das vagas do vestibular para os melhores colocados neste vestibular seriado”.

Ela diz que no primeiro ano foi muito mal. Mas não desistiu nos relata o que aconteceu a seguir “estudei e tinha uma nota de corte suficiente para tentar a vaga, mas acabei não terminando, pois algo mudou totalmente meu pensamento’

“Fiz o ENEM para testar meus conhecimentos e saber o que preci-





sava estudar para o vestibular que faria no fim do ano em Juiz de Fora e em outras faculdades, mas essa prova acabou mudando a minha vida”. Relata Andreza, sem disfarçar a euforia ao falar do assunto.

Seus planos sempre foram de estudar em Juiz de Fora. Nunca havia pensado em sair de Mina Gerais. Mas o ENEM e o ProUni acabaram mudando o que havia pensado. “Quando recebi o resultado do ENEM e verifiquei a minha nota e a média nacional, bem como quando comparei as minhas notas às de outros colegas da minha escola, vi que tinha ido muito bem e procurei saber para que aquilo poderia me servir. Descobri a possibilidade de ganhar uma bolsa de estudos em uma escola particular”.

No início Andreza custou a acreditar no que estava para acontecer “Ainda achando a possibilidade remota, me inscrevi no programa. Vi que minha nota era alta e que poderia escolher qualquer universidade que quisesse, a princípio. Entrei na internet e pesquisei os conceitos de várias universidades, sobretudo as mais cotadas no ProUni”.

A internet e o contato com estudantes de outras localidades se mostraram essenciais para a tomada de decisão de Andreza. “Conversei com muita gente, também na rede, e escolhi colocar as melhores faculdades no topo. Lembro de ter elaborado uma planilha à mão para anotar a nota de corte a cada dia, pois elacrescia e já era possível verificar se as suas opções eram viáveis e, caso fosse preciso, modificá-las. As minhas expectativas cresciam dia a dia e a vontade de ganhar a bolsa também”.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie sempre foi a primeira opção de Andreza. A confiança na instituição deve-se ao seu forte conceito e sua história. Mas como uma garota, estudante de um escola pública de Passa Quatro conseguiria uma vaga? Andreza nos conta a história completa:

“Mackenzie foi minha primeira opção. Em seguida, eram PUC SP, PUC MG, PUC RJ e UNISAL. Na verdade, como eu disse antes, meus planos nunca foram vir pra São Paulo. As coisas realmente





aconteceram de uma forma inesperada”.

Os pais de Andreza, a princípio, reprovaram a idéia de ter a filha estudando em São Paulo. “Eles foram bem contra, no início. Pensar na hipótese de ter sua filha estudando em São Paulo era impossível. Achavam muito perigoso e tentaram de todas as formas me fazer desistir e estudar numa universidade bem perto da minha cidade. Este foi o motivo pelo qual incluí a UNISAL na 5ª opção, pois ela fica em Lorena e seria minha última opção, se nada desse certo”.

Mas no fim Andreza sentou com os pais e expôs a chance que estava tendo. “Eles acabaram percebendo a minha vontade, a cada dia que incluía dados na planilha e ficava torcendo pela vaga na primeira opção”. O dia da confirmação da vaga foi de festa para todos da família “Quando liguei no 0800 do MEC para saber o resultado e fui informada de que havia conseguido a primeira opção, meus pais vibraram e me apoiaram”.

E foi dessa forma que a garota do interior de Minas Gerais conseguiu entrar em uma das universidades mais conceituadas do país. Realmente um feito. “Tanto foi assim que, na minha formatura, fui citada pela diretora com a única que já estava com uma vaga garantida na faculdade (no caso, o Mackenzie). Numa escola pública como a minha, isso não era fácil”.

A grande São Paulo

A chegada à cidade grande não foi nada fácil. Tudo parecia muito diferente do que Andreza estava acostumada na pequena Passa Quatro. “Foi bem complicado. O Mackenzie exigiu alguns documentos no dia 3 de janeiro, logo depois da virada de ano. Tinha outro amigo que fez aulas particulares comigo e também conseguiu uma bolsa aqui em São Paulo, daí viemos juntos. Ele já conhecia um pouco a cidade, porque seu pai mora em Osasco. Mas eu fiquei bem assustada no início”.

O primeiro dia em São Paulo foi mais tranquilo, pois Andreza foi





guiada pelo amigo e voltou no mesmo dia para Minas. O segundo dia foi mais tenso. “Eu comprei a passagem e meu amigo deixou pra comprar a dele quando o ônibus chegasse na cidade, porque era comum sobraarem vagas. Naquele dia, não havia vaga alguma. Eu estava sozinha embarcando para São Paulo sem saber nada”

Ao chegar, Andreza Andreza foi procurar a casa de uma prima. “Até a saída do metrô, foi tudo bem. De lá, demorei 2 horas para chegar à casa da minha prima, percurso que hoje faço em 20 minutos. Andei o bairro inteiro para conseguir chegar. Meus pais só ficaram sabendo quando cheguei e já estava tudo bem. Foi uma lição logo de cara”

A realidade em São Paulo é muito diferente da realidade de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Isso ficou bem claro para Andreza logo de início. “Em Passa Quatro, não há semáforo, shopping Center, cinema, trânsito. As pessoas não têm pressa, não querem as coisas pra ontem, dormem bem e cumprimentam todos na rua. Não preciso dizer mais dá pra perceber que é bem diferente de São Paulo, não é?”. Relatou, aos risos, Andreza.

No Mackenzie

De acordo com Andreza, não houve dificuldade de adaptação ao Mackenzie. Afinal ela já estava acostumada ao ritmo de estudo puxado, “Tinha um pique de estudo pré-vestibular pesado e o Mackenzie, por ter sido uma opção que lutei tanto, era a realização de um sonho. Nunca tive preguiça de me esforçar pra dar o meu melhor’.

Logo no início, Andreza, mais uma vez, demonstrou a sua grande capacidade de liderança, ao ser eleita como representante de classe. “Fui muito bem recebida pelos alunos. Isso auxiliou muito. Tenho amigos que fiz na faculdade e que serão meus companheiros para o resto da vida, é incrível”.

O fato de ser bolsista do ProUni não atrapalhou em nada a sua adaptação nem o seu relacionamento com os outros estudantes.





“Nunca houve qualquer tipo de problema quanto a isso. A Universidade Mackenzie preza pelo respeito, ainda mais por seu direcionamento religioso. Na verdade, no Mackenzie, ninguém saberá que você é bolsista, a menos que você diga”.

No caso de Andreza, todos já ficaram sabendo logo de cara da sua condição. “desde os primeiros semestres da faculdade, o pessoal da sala já sabia que era bolsista. Tive apoio de muitos, inclusive dizendo que muitos bolsistas têm desempenho acadêmico superior a muitos alunos regulares”. No Mackenzie, o relacionamento com os demais bolsistas também é muito bom. “Você começa a conhecer os demais bolsistas nos dias de renovação de bolsa, que ocorre, semestralmente”.

Andreza começou a estagiar já no segundo semestre do curso. Ela diz que é difícil mostrar aos escritórios de advocacia que alguém sem experiência alguma na área precisa da primeira oportunidade para aprender. “Fiz algumas entrevistas por minha conta, mas acabei entrando num escritório por indicação de uma amiga e colega de faculdade que já estagiava. A partir dali, não houve qualquer outra dificuldade. O mercado é amplo e sempre há vagas para quem é determinado o suficiente para ocupá-las”.

Hoje Andreza trabalha no escritório Machado Meyer Sendacz Opice Advogados, e procura acumular o maior conhecimento possível, para garantir seu crescimento profissional e formar as bases para atingir ser objetivo maior: Ser juíza.

Uma tese sobre o ProUni?

Andreza descreve, com as suas próprias palavras e com conhecimento de causa, o que é o ProUni: “O ProUni significou a realização de um sonho. Na minha opinião, é o melhor programa instituidor de políticas públicas da educação implementado no Brasil. Só acho que precisa ser revisto, como qualquer outro projeto deste nível, de tempos em tempos, para não perder a eficácia e a inova-





ção, bem como para solucionar os problemas porventura advindos de alguma das fases do ciclo de políticas, ou policy cycle. Aliás, este tema: As políticas públicas, são meu tema de estudo na monografia de final de curso”.

A porta continuava aberta. Andreza acabara de entrar. A biblioteca ainda estava vazia. Os alunos estavam chegando aos poucos. Ela pegou um livro: Oratória para advogados e estudantes de direito. Seguiria firme no seu objetivo.

Seu objetivo não era comum. Queria ser juíza. Lembrou-se da época do grupo escolar, onde já desenhava o martelinho quando a professora pedia para desenhar sobre a futura carreira. Sabia que não seria fácil. Sabia que ser juíza era um sonho distante para uma menina do interior. Mas sabia, também, que tinha que sonhar alto. Mirar as estrelas.

Estava, agora, na biblioteca do Mackenzie. Uma das melhores universidades do Brasil. O sonho de ser juíza estava cada vez mais perto. Sorriu. Lembrou de todos os fatos que a levaram até ali. Pensou nos pais. Pensou na irmãzinha. Pensou nos dias de estudo.

Sabia que tudo tinha valido a pena. Estava mais próxima do que nunca de seus objetivos. Olhou para a fileira interminável de livros. Olhou para os outros estudantes que já estavam tomando conta da biblioteca antes vazia. Sorriu novamente. Seguiria firme nos seus objetivos. Sabia que tudo o que imaginou estava perto de se transformar em realidade. Hoje, as estrelas estão mais próximas do que nunca. Quase ao alcance de suas mãos.





Capítulo 7

Uma Filha que Não Foge à Luta Perfil de Débora Pereira







Colocando um tijolinho

Verás que um filho teu não foge à luta. O lema do 50º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) nunca pareceu tão desafiador para aquela jovem. Na Universidade de Brasília, em todos os grupos de discussão, o clima estava tenso. Movimentos de juventude, ligados a partidos políticos, arregimentavam suas delegações em torno de propostas. Quem já foi a um congresso da UNE sabe quão tumultuado e maravilhoso é poder acompanhar esse processo.

Nos últimos anos, e dessa vez não seria diferente, a União da Juventude Socialista (UJS), braço jovem do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), ganharia a maioria das cadeiras da executiva da entidade. Restava saber como se daria a disputa pelas indicações da segunda força do congresso, composta por uma união entre duas tendências do Partido dos Trabalhadores (PT).

O nome dela não era um dos mais cogitados. Os próprios colegas de chapa diziam que ela era ingênua, que não teria condições de ser dirigente. Ainda mais do movimento estudantil! Mas para a estudante de jornalismo, aquela batalha representava apenas mais um período turbulento de tantos que já passou. Ao lado dos companheiros, eternos amigos que carregava desde os tempos dos núcleos de base na Vila Guacuri, zona sul da Capital, ela sabia que, como costumava dizer, política é momento e oportunidade. Fincou o pé e expôs porque seria representativo ela ocupar aquela função, por significar um novo perfil de representante dos estudantes.

Batalha ganha, Débora Pereira tinha apenas uma noção da enorme responsabilidade que viria pela frente: “Eu que entrei na política pensando em colocar um tijolinho pra mudar a realidade ao meu redor, nem imaginava que alcançaria tanta coisa em tão pouco tempo”.

Quem vê Débora, com seus 25 anos, trabalhando como jornalista no mandato parlamentar do vereador Alfredinho (PT), na Câmara Municipal de São Paulo, sequer imagina de onde ela veio até chegar ali.





Pela sobrevivência

Nos discursos oficiais de autoridades políticas, o trabalho infantil é uma questão que deve ser combatida. Lugar de criança é na escola, dizem os homens do poder, especialmente em épocas eleitorais. Entretanto, nas periferias das grandes cidades, o trabalho em pleno início da adolescência é uma situação absolutamente normal. Necessária para a sobrevivência da família. Débora representa mais um retrato da juventude brasileira:

“Eu era de família muito humilde. Minha mãe não completou nem o ensino fundamental e ganhava muito mal. Tinha uma irmã mais nova e só. Em razão das dificuldades financeiras, trabalho desde os 12 anos. Fiz tanta coisa já... Trabalhei em fábrica de salgadinhos, fabricando bolsas, vendendo doces, cuidando de crianças... Fiquei três anos em uma imobiliária. Esse emprego eu consegui de forma inusitada. Minha mãe foi demitida do emprego e ficamos seis meses sem pagar o aluguel. A imobiliária iria nos despejar a qualquer momento, então eu fui trabalhar lá para quitar a dívida que nós tínhamos. Por um ano não vi um real do meu salário”.

É impossível não se emocionar ao imaginar Débora, aos 15 anos, trabalhando gratuitamente por cerca de um ano apenas para não ir morar na rua. Quantas pessoas não tiveram a mesma oportunidade e hoje ocupam as favelas, os cortiços e os baixos das pontes?

Débora sabia disso. Felizmente, não parou de estudar e começou seu processo de tomada de consciência. Sofreu anos a fio em escolas com péssima estrutura, ausência de professores, violência reinante. “Tinha duas escolhas: ou ficava brava, reclamando de tudo e todos, ou me indignava e tentava dar minha contribuição”, disse. Optou pela segunda alternativa, participando do grêmio estudantil.

Apesar do ensino deficitário e das dificuldades, Débora prestou vestibulares nas universidades privadas, sistematicamente, desde 2002. Para se preparar melhor, se matriculou em um cursinho comunitário, o Educafro, que tem uma proposta diferenciada de en-





sino, aliando o auxílio ao vestibulando com a idéia da participação popular como forma de modificar o cotidiano. Desde então, sua vida nunca mais foi igual.

A família sempre votou no PT. Porém, ninguém sonhava em militar no partido, era uma identificação meramente eleitoral. “No governo da Marta Suplicy, a região onde morava foi muito beneficiada. Em casa, por exemplo, eu estava cadastrada no programa Bolsa Trabalho, minha irmã era contemplada da Renda Mínima e minha mãe no projeto Começar de Novo, para pessoas desempregadas com mais de 40 anos. Se não fosse o dinheiro desses benefícios, estaria passando fome de novo”, conta.

A satisfação com a gestão Marta motivou Débora a fazer campanha para a eleição de Lula, em 2002, de forma voluntária. A vitória do ex-metalúrgico encheu de alegria e esperança o coração de Débora.

Ao encontro do destino

Em janeiro de 2004, Débora se filiava ao PT. Naquela época, militante ativa do Educafro, montou um núcleo do cursinho no bairro onde morava, a Vila Missionária. Durante um encontro, promovido pela coordenação, para apresentar suas idéias a um grupo de jovens, Débora foi com a camisa do partido. Foi quando um rapaz chegou e perguntou: “Você conhece o PT?”. Surgiu uma amizade que dura até hoje, no meio político e na vida pessoal.

A partir de então, Débora iniciou militância ativa no PT. Analisando a trajetória dela no partido do Presidente da República, foram seis anos que valeram por uma vida. Primeiro, começou em seu diretório zonal, espécie de sede distrital, na Cidade Ademar. Lá, conheceu diversas lideranças regionais, entre elas o então chefe de gabinete da subprefeitura da Capela do Socorro, Alfredinho, com quem trabalha hoje. Percebeu também que o PT era um partido bastante heterogêneo, com diversos agrupamentos políticos, que muitas vezes se rivalizam internamente, disputando votos nos mes-





mos redutos e criticando os adversários da própria legenda.

O grupo político no qual Débora militava tinha uma resistência grande no partido. Ainda que Alfredinho tivesse vínculo com a prefeita Marta Suplicy, a disputa política entre petistas na zona sul da capital é intensa. Resolveu então participar do setorial de juventude petista municipal, que até então era majoritariamente composto por integrantes de tendências mais à esquerda do PT, como a Democracia Socialista e a Articulação de Esquerda, entre outros. Débora notava, naquele coletivo, uma contradição: enquanto lutava para construir algo bacana para seu bairro e sua cidade, era chamada de “situacionista” e “banda podre”, acusações que a chatearam muito. “Tem gente que fala em luta de classes, mas nunca pegou um trem lotado em horário de pico. Não conhecem a realidade do povão”.

Naquela época, primeira metade do mandato de Lula, o PT vivia um momento interno difícil, já que os setores mais à esquerda estavam descontentes com os rumos da administração federal. Uma disputa ferrenha que acabou culminando na saída de importantes quadros do partido, como Heloísa Helena, Plínio de Arruda Sampaio e Marina Silva, entre outros.

Cada vez mais próxima da corrente predominante no partido, Débora foi articuladora importante de uma das primeiras vitórias do seu grupo, a direção da juventude petista na capital. “Foi uma sensação especial sermos aclamados pela maioria da juventude de um partido do tamanho do PT”, se entusiasma ao contar.

Mas enquanto isso, outra batalha, não menos importante, era travada, só que dessa vez apenas por Débora.

Conflitos

Diante do terceiro insucesso nos vestibulares das universidades públicas, as opções para ingressar no ensino superior eram restritas. No segundo semestre de 2004, Débora prestou o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) como um auxílio para os processos se-





letivos de fim de ano. Eis que, nesse período, o Presidente da República sancionou o projeto de lei que criava o ProUni. Abria-se então uma porta inesperada.

No primeiro ano do programa, com regras desconhecidas da maioria dos estudantes brasileiros, poucas pessoas apresentavam as condições solicitadas para participação, entre elas, a realização do Enem no ano anterior. Os autores desse livro, por exemplo, não puderam pleitear bolsas para o ano de 2005 porque quando o ProUni saiu do papel, a prova do Enem já havia sido realizada.

O fato é que Débora havia feito o Enem e obteve a única bolsa integral oferecida para o curso de Jornalismo, na Universidade de Santo Amaro, mais próxima de sua casa. Até a comprovação da situação financeira e confirmação de matrícula, o mês de março chegava ao final. E o ambiente que a aguardava surpreenderia bastante a futura jornalista.

O primeiro ano do ProUni foi marcado pela desconfiança sobre o alcance do programa, seus reais benefícios e a duração da proposta. Nos grupos de discussão sobre o ProUni, especialmente na internet, bolsistas temiam que, de repente, o projeto acabasse e o benefício fosse retirado, deixando milhares de alunos na metade do curso. Outro ponto importante era o preconceito que os alunos que pagavam mensalidade tinham contra os bolsistas, evidenciado através de teorias sobre o rebaixamento do nível do curso, pois segundo eles, os prounistas não conseguiriam acompanhar o ritmo do ensino superior devido ao déficit de conhecimento trazido do Ensino Médio da rede pública. O relato de Débora sobre a opinião dos colegas é enriquecedor para compreendermos esse sentimento comum nas universidades:

“Hoje é moda falar de bullying. Quando eu entrei na faculdade, em 2005, o termo não existia, mas o que eu passei encaixa bem na definição do bullying. Minha sala tinha uma comunidade no Orkut e havia um tópico em que todos, sem exceções, criticavam demais o





ProUni. Diziam que os bolsistas iriam piorar o nível da sala. Alguns argumentos beiravam o ridículo de tão despolitizados que eram. Uns três alunos disseram que como o governo estava concedendo bolsa, deixariam de pagar a mensalidade e pedir ao MEC que quitasse a dívida. Não compreendiam o programa como uma tentativa de inserção. Em sala de aula, soltavam indiretas olhando pra mim, parecia que eu era ovelha negra da turma. As coisas só melhoraram um ano depois. Perceberam que eu não era tão estúpida como pensavam. Até mesmo determinados professores apresentavam seus preconceitos. Tinha um que dizia: o ProUni não presta, a Débora é exceção. Quer dizer então que só eu presto? Não seria o contrário? O aluno da escola pública, de origem humilde, devido às dificuldades e a oportunidade única não correria atrás mais que os outros? O nível das discussões aumentou. Depois, cheguei a fazer grupo de estudos com pessoas que falavam mal de mim. Mas tudo bem. Vida que segue.”

Casos como o de Débora testaram a reação da sociedade e dos próprios bolsistas ao programa, ajudando o Ministério da Educação a traçar diretrizes que melhorassem o ProUni. Apesar disso, vários alunos, até entre os bolsistas, desaprovam a medida, considerando-a paliativa. Débora, defensora feroz da iniciativa, tem uma tese a respeito dessa contradição: “Devido ao preconceito, muitos dos bolsistas que criticam o ProUni falam mal por autodefesa, pra se integrem ao grupo. Ele não se sente parte daquele universo. O estudante fica em um meio termo, adquire conhecimentos, elevando-o a um nível mais alto em relação aos vizinhos de bairro, porém longe da qualidade de vida e acesso a meios culturais dos colegas de sala. Uma relação conflituosa que tumultua a cabeça do bolsista”.

Paralelamente, a militância tornava-se uma atividade constante. Encontros, congressos, reuniões e debates tomavam a agenda de Débora, que ganhava importância significativa no seu agrupamento político, conhecido então como “Unidade na Luta”. No ano de 2007, ela mal sabia o novo salto que iria dar.





Política é oportunidade

No primeiro semestre de 2007, estudantes de universidades do Brasil inteiro se mobilizaram para eleição de delegados para o 50º Congresso da UNE. Inclusive, um destes escribas teve a felicidade de dormir cinco péssimas noites em um colégio de educação infantil na capital federal, como representante da PUC-SP na contenda.

Quem já foi sabe como é. Antes e depois das plenárias, o ginásio Nilson Nelson nunca viu tantas rodinhas paralelas, acordos, manobras e encontros às escondidas, para definir a tática e contar qual o tamanho de cada delegação e do blefe a ser utilizado para pressionar aliados vacilantes.

Débora era delegada da Universidade de Santo Amaro, após eleição relativamente tranqüila, garantindo sem sustos sua indicação. Sua chapa apoiava uma idéia de unir todas as forças do PT em torno de uma única tese, a fim de fazer frente ao PCdoB, ampla maioria, e conseguir mais vagas na diretoria executiva da entidade.

Acordos aqui e acolá, não foi possível concretizar a união, pelos mesmos motivos explicados alguns parágrafos acima, ou seja, a divisão interna feroz do partido. Contagem de votos encerrada, o congresso elegeu a gaúcha Lúcia Stumpf para presidir a entidade no biênio 2007-2009. A chapa de Débora obteve o terceiro lugar no pleito, apoiando o também gaúcho Maurício Piccin, então vice-presidente da entidade.

O momento mais difícil vem a seguir, quando os representantes das chapas definem quem serão os escolhidos para compor a direção. Antes mesmo do congresso há uma idéia, pelos “mapas” de delegações, quantos membros cada grupo deverá indicar. Débora corria por fora.

O elemento que impulsionou Débora a pleitear uma das indicações era a desconfiança com que seus próprios companheiros de chapa a tratavam, como ela explica. “Eles pensavam que por eu ser recém-chegada ao movimento estudantil, oriunda de uma região humilde, não tinha acúmulo como vários ali, que há muito tempo





estão no jogo, conhecem os meandros dos encontros. Senti que apareceu de novo a questão de consciência de classe”.

Débora acabou ganhando a indicação, justamente pelo contrário. Seus apoiadores acharam que era importante ter alguém na direção com um perfil diferente do qual estão acostumados. A suposta falta de traquejo poderia ser um trunfo, trazendo novos ares à entidade. Um período marcante, como Débora conta a seguir:

“Foi a experiência mais rica da minha vida, sem dúvida. A UNE é um importante espaço de tomada de consciência política e tem uma simbologia envolta. Não foi simples nem fácil. Como diretora de universidades privadas, conheci lugares que jamais imaginei um dia pisar. Acre, Pará, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Sul... O Ceará foi o que mais gostei. Visitei a Universidade Federal do Crato e pude perceber como nossa imagem do Nordeste é equivocada... Você precisa ver como é a relação da comunidade com a universidade, o orgulho que eles têm de observar tanta produção de conhecimento, de sentir-se parte daquilo”.

Notamos ao longo da entrevista que Débora fala muito em preconceito, tanto nas disputas internas como na universidade. Perguntamos a ela sobre os seus preconceitos. A franqueza na resposta é uma autocrítica:

“Descobri que tinha um preconceito com sotaques de outros estados. Achava ridículo. Lembro de uma situação que me fez tentar mudar minha forma de enxergar o outro. Certa vez, estava em um evento da UNE no Maranhão quando um jovem veio até mim e começou a expor suas opiniões e questionar acerca da posição da entidade. O sotaque dele parecia tão estranho pra mim, que sequer conseguia ouvir o que ele falava, de tão engraçado que achava. Ao final das considerações dele, me perguntou se concordava com ele ou não... Nem tinha prestado atenção no que tinha dito! Respeito às diferenças regionais é um passo importante para transformar o país... Será que ele não pensava o mesmo de mim?”

Questionamos Débora se o tempo em que ocupou a diretoria de uni-





versidades privadas da UNE permitiu colocar mais um tijolinho, como ela gosta de dizer. Os detratores da entidade costumemente dizem que a entidade abandonou os estudantes e não se faz mais presente nas lutas populares e estudantis, perdendo o caráter de linha de frente adquirido desde a década de 60 até o impeachment de Fernando Collor.

A tarefa realmente era complicada. A UNE estava acostumada a fazer oposição a todos os presidentes ao longo dos anos. Porém, após a eleição de Lula, o governo, em tese, era um aliado, ciente e adepto das mesmas lutas da entidade. Difícil situar a linha de atuação entre um braço auxiliar das reformas do candidato da UNE nas últimas cinco eleições, ou manter postura crítica, condizente com a característica que tem mais apelo junto aos representados, no caso, os estudantes. Um dilema típico da esquerda brasileira nessa primeira década do século XXI.

“As principais discussões no período em que participei da gestão tratavam acerca do aperfeiçoamento do ProUni, especialmente no acompanhamento do bolsista e no auxílio à manutenção dele na universidade. Alguns alunos ganham a bolsa mas não têm dinheiro sequer pra condução, ou pra compra de bibliografia solicitada. Há ainda os que não conseguem pagar os 50% da mensalidade, para os bolsistas parciais. Uma das grandes conquistas obtidas junto ao MEC foi a possibilidade de financiar, como no FIES (Programa de Financiamento Estudantil), a parte do valor da mensalidade que o bolsista não consiga pagar. Conseguimos também o pagamento de uma bolsa auxílio pros estudantes que cursam habilitações de tempo integral, como medicina, coisa que não tinha no início do ProUni”.

Baque

A formatura de Débora estava prevista para o final de 2008. Aos trancos e barrancos, conversando com os professores por conta das muitas faltas para ir aos eventos da UNE, a dirigente estudantil chegava ao último ano com apenas uma retenção, que deveria cursar





em 2009. “Tranquei o TCC para me dedicar melhor, em 2009”. Se na militância política e na faculdade as coisas andavam bem, na família surgiu um revés que fez Débora desabar: a morte de seu avô.

“Ele era a pessoa que mais me dava forças, que mais apostava em mim. Durante o período da doença, eu fiquei um mês apenas cuidando dele, em casa. Deveria fazer a matéria que estava retida em 2009, mas devido à doença e aos cuidados que o tratamento requer, não consegui concluir a matéria que estava retida. Era a única disciplina e, pela reprovação, tive 0% de aproveitamento, perdendo a bolsa”.

O destino foi irônico. Débora, que tanto defendeu o ProUni, teve sua bolsa cancelada, ao mesmo tempo que superava a perda de um ente querido. Para poder se formar, já no ano de 2010, fez uma força-tarefa, entre colegas, para levantar o dinheiro suficiente para pagar a matrícula e concluir o curso. Apenas em junho de 2010, cinco anos e meio depois, Débora conseguiu se formar. Seu trabalho de conclusão de curso foi sobre o Bolsa Família, que compõe junto com o ProUni, as grandes bandeiras dos oito anos do governo Lula.

Mais tijolos

Depois de tantas experiências como militante petista, Débora carrega a política no sangue. Atualmente, vive sua primeira experiência de jornalista formada, na assessoria do vereador Alfredinho, companheiro desde sua entrada no PT. O futuro ainda é incerto. Mas os objetivos estão claros.

“Fiz Jornalismo para contar ao mundo aquilo que eu via de errado. Quero melhorar minha cidade e a vida das pessoas simples através da minha profissão. Como vai ser isso, que proporção tomará, eu não sei, nem crio expectativas. Penso como a Luizianne Lins, prefeita de Fortaleza, que quando ganhou a eleição conquistando uma virada incrível na reta final disse que precisava manter um pé na utopia e outro na realidade. Sei que tenho muita coisa pra fazer. Vamos ver o que acontece”.





Capítulo 8

O Início e o Fim

Perfil de Bárbara Mendonça da Costa







O início de uma conclusão

Nossa última perfilada é Bárbara Mendonça da Costa, 19 anos. Ela é moradora de Caieiras e atualmente está no primeiro ano de Publicidade e Propaganda na universidade São Judas. Nossa intenção era contar a história de alguém que está no primeiro ano e, portanto, começando a trilhar o caminho que outros perfilados já trilharam. A história de Bárbara veio preencher essa lacuna e serve para que, com base nas histórias anteriores, possamos concluir alguns pontos em relação ao programa.

Bárbara é a oitava história a ser contada nesse livro. Acreditamos que as outras sete vidas descritas aqui ajudam a formar um leque bem variado e permite a você leitor tirar algumas conclusões sobre o ProUni. Não queríamos, desde o início, produzir um trabalho fechado, algo que fosse uma bandeira favorável ou contrária ao programa. Nossa intenção foi produzir algo que ajudasse na reflexão a partir da parte que consideramos mais importante no programa. Nós propomos uma reflexão através das pessoas. Queremos, com isso, que você consiga enxergar além dos números, além dos discursos. Queremos que você, que chegou até aqui, consiga enxergar a alma do ProUni.

Presença familiar

Começaremos a história de Bárbara voltando ao passado. Ela mesma nos conta: “Minha infância foi muito boa e no meu ponto de vista bem normal. Meus pais são separados e eu morava em uma casa com minha mãe, meus avós e dois tios, na verdade essa casa era dividida em duas, em uma morava eu e minha mãe o restante na outra. Apesar de morar com minha mãe sempre tive contato com meu pai, que participou, aliás, participa muito da minha vida”.

O fato de não morar junto com a filha não impediu que o pai de Bárbara fosse um grande exemplo. Ele ajudou a formar o caráter da filha através de bons exemplos. Seu esforço para garantir a criação da menina é tocante. “Ele trabalha muito. É autônomo, mas tem





dois empregos. No horário comercial ele trabalha vendendo lanches em um trailer e a noite ele trabalha em uma pizzaria, onde exerce nos dias de semana a função de gerente e nos finais de semana a de garçom. Ele é muito esforçado e é um grande exemplo para minha vida”. Quando fala do pai ela demonstra uma grande admiração: “Ele é pai e amigo. É o melhor pai que eu podia ter”.

A mãe de Bárbara também é uma guerreira. Sabemos que por mais que a presença do pai seja marcante, não é fácil criar uma filha sozinha na maior parte do tempo. “Minha mãe é minha grande amiga. Hoje ela é autônoma e trabalha como representante comercial, mas já fez várias outras coisas antes disso. Sei que ela se esforçou muito para garantir que eu tivesse a melhor criação possível e acho que ela atingiu seu objetivo”.

A época escolar

Um ponto que é uma constante na maioria das histórias contadas nesse livro é o bom desempenho escolar. Isso demonstra que, por mais que as escolas públicas sejam defasadas em relação às escolas particulares, os alunos que se esforçam e que conseguem absorver de alguma forma o conhecimento escolar, estão melhores preparados para o futuro e para as oportunidades que surgem no caminho. O caso de Bárbara não é diferente:

“Sempre fui estudiosa. Do pré-primário até o ensino fundamental sempre estive entre os melhores da turma. Quando entrei no ensino médio comecei a trabalhar e minhas notas caíram, mas nada a ponto de prejudicar meu desempenho”. Afirma Bárbara. Ela considera primordial que o estudante consiga absorver todo o conhecimento possível. “Como temos menos chances, temos que nos dedicar mais. Não tem outra saída. As pessoas só crescem através da educação”.

A época escolar traz ainda mais lembranças para a nossa perfilada: “Como freqüentei apenas duas escolas durante minha fase escolar sempre fui conhecida por todos, tanto funcionários como colegui-





nhas de série. Na sala tinha muitos amigos e muitos são amigos até hoje”. Não é difícil de entender o porquê de tantas amizades. Bárbara é muito simpática e carismática. Ela não errou ao escolher trabalhar com comunicação.

Próxima parada: Universidade

O primeiro objetivo de Bárbara não era publicidade. Ela explica: “minha vontade era estudar moda, mas durante todo o percurso entre ensino médio e faculdade acabei amadurecendo minhas vontades e percebi que o que encantava na moda era todo aquela correria por trás das passarelas, todas aquelas pessoas trabalhando juntas por trás de um único acontecimento. Aí percebi que na verdade não era moda que eu queria, mas sim uma profissão que me fizesse ter novos conhecimentos, novas vivências contatos com pessoas e com coisas diferentes”.

A escolha pela comunicação e, mais precisamente, pela publicidade, acabou sendo algo natural: “Pensei que pelo meu perfil e pelo que queria, nada melhor que cursar comunicação, uma área que pode abranger um pouco de cada coisa”. A escolha pela publicidade veio em sequência. “Acabei optando por este curso quando percebi que o que eu fazia no meu antigo trabalho era praticamente toda a função de um publicitário. E eu gostava daquilo. Aí pensei: Conheço, tenho experiência e gosto da área, por que não continuar na comunicação?”.

Mais um fato interessante, quando analisamos os sete perfis anteriores é que a entrada na universidade pública foi tentada por praticamente todos os personagens. Quem não tentou, o fez por não acreditar que poderia concorrer com os alunos vindos de instituições particulares. Bárbara não é diferente. “Tentei entrar na USP. Mas ainda com a antiga vontade de entrar no mercado da moda. O ProUni sempre esteve nos meus planos, era minha saída caso não entrasse em uma universidade pública. Cursos de boa qualidade custam muito





caro e não tenho condições de pagar”.

Duas conclusões podem ser tiradas a partir da análise dos casos anteriores e do caso de Bárbara em particular. Percebam que Bárbara fala sobre o ProUni como algo já estabelecido. Não é algo desconhecido ou aparentemente arriscado, como nos casos daqueles que entraram nos anos iniciais do programa. A fala de Bárbara demonstra que os estudantes de escola pública, hoje, já consideram o ProUni como parte integrante do universo acadêmico. Uma porta aberta, que serve com um tipo de segunda chance, para aqueles (imensa maioria) que não conseguem entrar em uma universidade pública.

A segunda conclusão reside no fato de que quase a totalidade dos personagens retratada neste livro tentou entrar em universidade pública. E aqueles que não tentaram o fizeram por não acreditar que não poderiam concorrer com os egressos de escolas particulares. Isso demonstra como o atual sistema para entrada em universidades públicas é injusto, pois aqueles que durante a vida inteira estudaram em boas escolas largam como uma enorme vantagem. O grande argumento de setores da esquerda contra o ProUni é que o dinheiro que deixa de ser arrecadado mediante renúncia fiscal, deveria ser investido em universidades públicas, para aumentar o número de vagas. O fato é que, da maneira como a seleção é feita hoje, apenas o aumento de vagas não garante a entrada do estudante mais pobre. Continuariam a entrar nas universidades públicas os mesmos estudantes de escolas privadas, só que em maior escala.

O processo do ProUni

Bárbara entrou na universidade no início de 2010. Ela encontrou um ProUni muito mais maduro, mas ainda não perfeito no que diz respeito à metodologia de entrada na universidade. Algumas instituições continuam com dificuldade em garantir uma perfeita sincronia entre os seus processos seletivos e o processo informatizado do ProUni. Bárbara explica:





“A São Judas não era a minha primeira opção, mas eu sempre tive boas referências dela e por isso fiquei muito feliz ao conseguir a aprovação. Minha família também ficou extasiada e muito orgulhosa da minha conquista. O problema é que devido ao atraso dos chamados para matrícula, os bolsistas acabaram entrando com até dois meses de atraso. No meu caso, acabei perdendo um mês de aula, mas os professores e até mesmo os colegas de sala ajudaram muito na hora de ‘atualizar’ os atrasados”.

Ela nos conta mais um fato que demonstra que o programa, em algumas instituições, ainda precisa de aprimoramento: “No meu primeiro dia de aula, me deparei com uma sala com cerca de oitenta alunos, que com o passar dos dias e dos novos chamados do PROUNI foi crescendo, chegando a ter cento e vinte alunos! O que obrigou a coordenação do curso a dividi-la”.

A irmã de um dos autores desse livro é bolsista na São Judas e por isso já conhecíamos o perfil da universidade e de seus estudantes. Sabíamos que dificilmente os bolsistas dos ProUni seriam discriminados ali, mas Bárbara fez questão de salientar o tratamento recebido: “Na minha sala ficou a maioria dos bolsistas e lá não rola nenhum comentário preconceituoso sobre quem é ou não bolsista, não existe esse tipo de ‘divisão’. O relacionamento entre todos é normal, independente de ser bolsista ou não”.

Trabalho e uma análise sobre o ProUni

A entrada de Bárbara no mercado de trabalho se deu antes mesmo de entrar na universidade. Na verdade, seu trabalho foi determinante na escolha do seu curso universitário. “Digamos que meu primeiro emprego foi algo que me pegou totalmente desprevenida, assim como o segundo e o terceiro. Logo que entrei no ensino médio comentei com minha mãe que gostaria de trabalhar para ter meu próprio dinheiro, e ela acabou conseguindo um trabalho informal em uma das gráficas na qual ela representava, era só um





‘quebra-galho’ para ganhar um dinheirinho. Me dei tão bem que fiquei dois anos e meio lá e só sai quando recebi uma boa proposta em uma empresa maior”.

Assim como outros de nossos perfilados, Bárbara também quis fazer uma análise pessoal sobre o ProUni e sobre o seu futuro: “O ProUni abriu a porta para o primeiro passo de um grande sonho meu, que é o de escolher uma profissão que eu goste, trabalhar com isso, colher os frutos da profissão e ser feliz. Se não fosse por ele esse passo teria que esperar, sabe-se lá até quando. Sem contar que ser universitário é um complemento para a vida, são novas experiências a cada novo dia. É maravilhoso ter novos amigos que tem o mesmo sonho que você, a mesma vontade de crescer naquilo que estudam. O ProUni está me proporcionando uma grande felicidade. Na verdade, não paro muito pra pensar em como estarei no futuro. Quem sabe eu seja dona de uma das melhores agencias de publicidade do país? Ou quem sabe eu trabalhe para uma das melhores? Ainda estou descobrindo as infinitas possibilidades que meu curso me oferece. A única certeza que tenho é que sempre vou dar o melhor de mim para que as coisas possam conspirar ao meu favor e eu sempre possa colher os melhores frutos da minha terra”.

Nossa pequena conclusão

Como afirmamos anteriormente, a nossa intenção quando iniciamos esse projeto não foi fazer algo para defender o programa ProUni. Nós queríamos levar ao nosso leitor algumas histórias de vida que mereciam ser conhecidas e contadas. Acreditamos sinceramente ter sido felizes nessa empreitada.

As oito histórias contadas nesse livro são apenas retratos de uma realidade que muitos desconhecem. Uma realidade de luta, de esforço e, muitas vezes, de dificuldade. Uma realidade que é cotidiano da maioria do povo do nosso país.

Sabemos que hoje o país está melhorando anos após ano e credi-





tamos que políticas públicas como o ProUni são as grandes propulsoras desse desenvolvimento. Acreditamos, no entanto, que o programa ProUni não é uma solução definitiva. Ele é um programa muito válido, mas que deve ser acompanhada de medidas que proporcionem um ensino base de qualidade para todos. Para que os alunos de escola pública possam disputar, em igualdade de condições, com os alunos de escola particular as vagas em universidades, sejam elas públicas ou particulares.

Mas também é fato inegável que o ProUni veio para corrigir uma distorção histórica momentânea. Até bem pouco tempo, um aluno de escola privada que fosse reprovado no vestibular de uma universidade pública, sabia que tinha vaga quase que garantida em uma universidade privada. Já o estudante de escola pública, ao ser reprovado no vestibular da instituição pública, via suas chances minguairem. Dificilmente ele conseguiria um diploma universitário. Hoje, com o ProUni, esse estudante continua sua jornada, pois ainda tem um grande leque de possibilidades. Ainda tem uma chance.

É justamente disso que trata esse livro. De dar ao estudante mais uma chance. Aqui contamos apenas alguns casos, mas consideramos que atingimos o nosso propósito. Demonstrar o quão brilhantes podem ser os estudantes bolsistas. Cremos que conseguimos fazer com que nossos leitores percebam a importância de saber que os estudantes bolsistas também possuem um enorme potencial. Um potencial bruto, que na maioria das vezes aguardava apenas uma chance. Ou melhor, uma chance única.







Capítulo 9

Sem Descanso Perfil de Leonardo Aragão







Para o próprio umbigo

Nesse projeto, que tive o prazer de realizar, a experiência mais fantástica foi aprender a olhar o outro. Perceber as particularidades de cada perfil, as nuances de personalidade, sutilezas, temas espinhosos... Nas últimas entrevistas, tentava imaginar para qual ponto a conversa seguiria ou qual assunto deveria aprofundar melhor.

Na hora de botar tudo no papel, não digo que tenha sido tarefa fácil selecionar quais partes das entrevistas comporiam o texto. Porém, elementos não faltaram para facilitar a escrita: opiniões, conflitos, ideais e sonhos surgiram naturalmente, com todos os participantes.

Ao finalizar os textos e prepará-los visando a revisão por parte de nossa orientadora, concluímos que aqui estão oito histórias que captamos com algumas horas de entrevistas. Entretanto, quando a tarefa é falar sobre nós mesmos, torna-se muito mais complicado porque, pensando no que dizer, não há apenas impressões colhidas e gravadas em áudio. Na minha mente, possuo pelo menos 20 anos de emoções, tristezas, satisfações e obstáculos. Tentarei cumprir o desafio que muitos historiadores gostariam de fazer: colocar uma linha do tempo em poucas páginas.

Um futuro brilhante

A primeira impressão que tive a meu respeito é que as pessoas sempre me consideraram diferente. Isso porque eu fui uma criança relativamente precoce. Aos três anos, já conseguia ler textos longos em livros e interpretar notícias de jornais impressos e de televisão. Trocava as brincadeiras típicas de um menininho da minha idade por revistas com números e livros de matemática básica.

Esse gosto surpreendente por números e leituras fez com que minha mãe, professora da rede municipal de ensino em São Paulo, me levasse em especialistas (confesso que não me lembro em que área atuavam) para descobrir como lidar com essas atitudes de forma que não prejudicasse o desenvolvimento normal de uma criança. Uma





delas, certa vez, disse que tudo indicava que eu era superdotado. Só que faltou dinheiro para explicar a questão mais a fundo, e voltei à minha vida de “garoto-prodígio” do prédio onde morava.

Antes de entrar na escola, já sabia praticamente a tabuada inteira. Era uma atração entre meus vizinhos, que vinham me perguntar contas de valores altos só para dizer: “Olha, que lindinho que ele é! Sabe fazer cálculos tão cedo!”. De certa forma, sentia-me um pouco pressionado em fazer as coisas do jeito certo, já que diziam que eu era tão inteligente.

Desde então dava sinais de que a comunicação faria parte da minha vida. Tenho fitas cassete guardadas com “programas de rádio” que fazia, do alto dos meus cinco anos, com meu pai, comentando notícias de política, futebol e trânsito.

Na minha primeira escola, de orientação espírita (minha mãe é adepta do espiritismo há mais de 25 anos), acreditaram que eu poderia entrar um ano mais cedo que os outros alunos, pelo grau de conhecimento que apresentava. De fato, sempre estive entre os melhores alunos da sala.

Quem te viu e quem te vê

Hoje, ao olhar um retrato de quando eu tinha meus seis ou sete anos, vejo um garoto ao melhor estilo “nerd”. Gordinho, introspectivo, estudioso e tirando sempre boas notas na escola. Nessa época, passamos dificuldades financeiras sérias. Meu pai perdeu o emprego que tinha, minha mãe teve um câncer na tireóide que lhe tirou quase todas as forças e, conseqüentemente, o dinheiro secou. Quanto aos estudos, a minha sorte foi que o meu desempenho escolar, bastante satisfatório, me valeu uma bolsa de estudos.

Infelizmente, mamãe ficou vários anos afastada do serviço, renovando licenças médicas, uma após a outra. Papai, teimoso como uma porta e insatisfeito por não conseguir emprego, tornava o relacionamento em casa turbulento.





Grandes mudanças

Em 1998, uma notícia me entristeceu. A escola em que estudava iria fechar as portas. Tantas boas recordações que guardo até hoje daquele local... Toda vez que passo na frente do prédio, no Itaim Bibi, zona sul de São Paulo, faço uma sincera deferência, pelo menos com o coração.

Uma escola no mesmo bairro, o Colégio Monte Castelo, convidou os alunos da escola recém fechada para se matricularem lá. Estudei o primeiro semestre em uma escola e o segundo em outra. Felizmente, no Monte Castelo mantive a bolsa que tinha. Por sinal, a dona da escola e minha mãe se falam até hoje.

Esse período definiu algumas escolhas que permaneceram até hoje, como a aptidão para as disciplinas de humanidades, aprofundando leituras sobre temas ligados à História Contemporânea e noções de Sociologia e Filosofia. Aprendi a me socializar melhor com os colegas e construí boas amizades.

Na oitava série, último ano do Ensino Fundamental, vivi uma experiência que, passados dez anos, ainda me traz ótimas recordações. Havia uma competição anual, denominada “Olimpíadas”, que consistia em atividades esportivas e culturais entre quatro equipes. No final do ano, a equipe com mais pontos ganhava um título simbólico, entrando no rol dos campeões anuais da competição. A intenção era estimular a coletividade, juntando alunos da 1ª à 8ª Série.

Para minha surpresa, apesar da pouca habilidade física na prática dos esportes, fui selecionado para ser o líder da equipe, uma espécie de técnico dos times. No primeiro semestre, duas das equipes, devido à baixa pontuação, foram eliminadas da disputa. A equipe Branca, que eu liderava, e a Vermelha, entraram em uma disputa ponto a ponto, jogo a jogo, modalidade a modalidade.

O que se viu naquela escola foi inédito. Segundo a professora de Educação Física, há 15 anos cuidando do evento, ela nunca havia visto motivação tão grande em participar das Olimpíadas. Por um





placar de pouquíssimos pontos, minha equipe venceu. E os “meus comandados” gritaram o meu nome em alto e bom som.

Concluí o Ensino Fundamental sabendo que eu tinha atributos de liderança. Queria utilizar isso de uma forma positiva. Só não sabia como.

Segunda reviravolta

Após encerrar o Ensino Fundamental sem sobressaltos, tirando boas notas, eu mal sabia que uma segunda reviravolta estava prestes a ocorrer. Mamãe pretendia me matricular em algum colégio particular obtendo bolsa de estudos, pois o que ela ganhava dava apenas para pagar as contas e botar alimento em casa. Meu pai estava desempregado há anos e, com a idade que tinha, não tinha perspectivas positivas.

Tentamos em alguns colégios, mas desta vez sem sucesso. Restava então uma única alternativa: estudar na escola pública. Acredito que tenha sido a melhor coisa que poderia ter ocorrido pra mim, naquela fase da vida.

No início do primeiro ano do Ensino Médio, em 2001, notei várias diferenças. Em primeiro lugar, a mudança no número de colegas de sala: cerca de dez no Colégio Monte Castelo, em relação aos mais de 40 nessa nova fase. Outro ponto é a estrutura de uma escola pública, inferior em equipamentos e condições de salas de aula. Apesar disso, devo salientar que a Escola Estadual Ministro Costa Manso sempre teve equipes de direção dedicadas e, em linhas gerais, nem se compara a escolas da rede estadual que conhecemos e estão caindo aos pedaços.

Essa possibilidade de ampliar o círculo de amigos permitiu que eu me tornasse uma pessoa mais sociável, brincalhona, menos tímida, agradável de conversar. Muito diferente do estudante fechado de um ano antes.

Até hoje me impressiono sobre a mudança de comportamento que tive em 2001, ano chave de minha vida. Neste ano, tomei a de-





cisão que eu iria emagrecer. Entre julho de 2001 e julho de 2002, emagreci quase 20 quilos.

O gosto pela comunicação continuava. Não via outra opção de carreira a seguir além do Jornalismo. Porém, minha atenção se voltaria a outra frente.

Novas experiências

Conheci um colega que seria um grande amigo nos anos que viriam. William presidia o grêmio estudantil da escola e me convidou para participar da gestão, na direção de esportes. Organizei um campeonato de futebol que foi um sucesso. A gestão dele chegava ao fim e ele pensou que eu poderia sucedê-lo, dando continuidade aos projetos que o grêmio mantinha.

No último ano do Ensino Médio, me empenhei ao limite na eleição do grêmio. Montei uma chapa ampla, com alunos de todos os períodos, e ganhamos o pleito com quase 70% dos votos.

O ano em que presidi o grêmio do Costa Manso foi uma experiência valiosa, inesquecível. Um contraste muito grande entre o Leonardo dos anos 2000, retraído, para o Leonardo de 2003, um dos alunos mais conhecidos da escola por presidir a representação estudantil de uma escola com mais de 1200 alunos.

Paralelamente, eu e William resolvemos participar de reuniões no PT e nos filiamos ainda no início de 2003, entusiasmados com a vitória de Lula. Militamos ativamente ao longo daqueles tempos. Participamos de encontros, compusemos delegações em eventos... No setorial de Juventude, tive oportunidade de conhecer a Débora, um dos perfis desse projeto, e juntos estivemos na direção de juventude do partido na capital.

As experiências na política foram a oportunidade de construir alguma coisa, de tentar refletir e produzir algo de útil, de participar de algo em que eu acreditava. Entretanto, nem por isso deixei de pensar no sonho da universidade.





Lutando pelo inatingível

Concluí o Ensino Médio no final de 2003, mesma época em que uma grata surpresa me ocorreu: comecei um relacionamento com Patrícia, que estudava comigo, e por ela me apaixonei. Posso dizer que ela esteve comigo em todos os momentos bons e ruins nos últimos sete anos e, apesar de algumas dificuldades inerentes aos relacionamentos longos, tenho nela um ponto de apoio e uma inspiração.

Queria mais do que nunca entrar na universidade, para enfim entrar no mundo da comunicação, mas sabia que não seria fácil. Não tinha renda própria e pagar uma faculdade era algo difícil. Entrei em um cursinho de baixo custo, o Pró-Usp, e por duas vezes fui reprovado no vestibular da Fuvest. Em 2005, mais uma vez em um cursinho popular, vinculado aos estudantes da Unifesp, para tentar a sorte no vestibular. Dessa vez, o ProUni surgiu para dar uma luz ao meu sonho. Sabia que se não fosse isso, levaria anos ou talvez sequer chegasse à universidade.

Consegui uma bolsa do ProUni na Universidade de Santo Amaro, em 2006, no curso de Jornalismo. Apesar de satisfeito pela conquista obtida, o conteúdo do curso deixava muito a desejar e resolvi fazer novamente o Enem para mudar de universidade. Já tinha idéia fixa na cabeça quanto ao local. Só assinaliei uma única opção de escolha, dentre as cinco que poderia escolher: a PUC. Caso não conseguisse a bolsa, continuaria na Unisa.

Um futuro melhor

No segundo semestre de 2007, primeiro ano de PUC, recebi uma notícia positiva, mas que me trouxe um dilema. Fui convocado para assumir uma vaga em um concurso público na CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), na função de agente operacional.

Estava desempregado e essa era uma chance que não poderia





desperdiçar. Poderia auxiliar mamãe nas despesas de casa e comprar algumas coisas que melhorassem a qualidade de vida do nosso lar. Em contrapartida, por ter que trabalhar aos finais de semana, em regime de escala, teria que deixar a militância e namorar em quantidades cada vez mais escassas. Optei por assumir o cargo.

Eu tinha plena consciência de que meu sonho de ser jornalista corria o risco de ser jogado para escanteio, pelo fato de trabalhar em uma área totalmente distinta do jornalismo. À medida que o tempo passava de fato nossa qualidade de vida aumentou, graças à renda obtida com o salário pago pela CPTM.

Com dois anos de empresa, podia afirmar sem dúvidas que gostava muito do meu emprego. Porém, gostava ainda mais do jornalismo, e sentia que precisava de uma experiência profissional durante o curso, para tomar contato com a profissão.

A chance apareceu no final de 2009, em um estágio na assessoria de imprensa da Secretaria da Segurança Pública. Mais uma vez o sinal de alerta acendeu. Em condições normais, seria impossível conciliar o estágio com a CPTM e a faculdade. Mas não para alguém que tem uma vontade enorme de vencer. Pedi transferência na CPTM para o período noturno e comecei uma rotina que dez a cada dez pessoas diziam que era loucura: trabalhava das 22h às 6h na CPTM (sem dormir), ia direto para o estágio, onde ficava até ao meio-dia; almoçava por volta de 13h e dormia das 14h às 18h, tomava banho e assistia a primeira aula até às 21h20, na PUC, correndo pela Rua Ministro Godói a tempo de pegar o trem na Barra Funda e não chegar atrasado no serviço noturno. Meu único refresco era nas folgas durante a semana, quando podia assistir à segunda aula na faculdade, e aos fins de semana, quando só tinha que trabalhar na CPTM.

Prova de fogo

A televisão brasileira está repleta de programas que dizem testar a capacidade física de seus participantes, por meio de provas que





exigem máxima condição corporal e psíquica. O que passei ao longo do ano de 2010 não foi diferente daquilo que se vê na televisão, apenas em escalas e desafios diferentes. Todos ao meu redor diziam que eu não agüentaria dois meses fazendo isso. Fiquei oito meses vivendo assim, todos os dias. Minha rotina era a falta de rotina, cada dia uma agenda, uma ordem de fazer as coisas, um horário para dormir. E tinha o TCC para planejar.

A partir de Agosto, fui deslocado para trabalhar no turno da tarde na CPTM porque o regulamento da empresa não permite um funcionário trabalhando mais que oito meses no período noturno. Agora, pelo menos consigo dormir todas as noites. Acordo, tomo banho, vou para o estágio, almoço e depois vou para a CPTM, trabalhando das 13:30h às 22h30h. Devido ao horário, sou um turista profissional nesse último ano de faculdade, comparecendo às aulas apenas nas folgas, que foram usadas quase na totalidade para a preparação deste projeto.

Não me arrependo do que fiz e creio que faria tudo novamente se fosse possível. Ainda não tenho condições de abrir mão do meu salário de ferroviário, e tenho vários objetivos a realizar. Realizei melhorias em minha casa, comprei móveis novos e objetos outrora distantes como um computador, por exemplo, compõem a realidade de hoje.

Penso muito no jornalismo. Sempre me pego pensando em ser jornalista, trabalhando no rádio, na televisão ou nos meios impressos. A única oportunidade visível, no momento, é uma efetivação na assessoria em que trabalho, o que acho pouco provável, não pelo meu desempenho, mas pela sinalização de que não haverá contratações de imediato, pelo menos no primeiro semestre de 2011.

O tempo é curto e a faculdade está terminando. Contudo, sempre mantenho as esperanças. Até aqui, na maioria das vezes os ventos sopraram a favor. E sempre lutei bastante para fazer algo de bom e quando nos empenhamos em busca do melhor, as coisas acontecem. Aproveito tudo que a vida me traz como se fosse uma chance única.





Capítulo 10

Cair, levantar, seguir...
Perfil de Marcus Pilão







É muito difícil escrever sobre nós mesmos. O jornalista precisa ter facilidade para traduzir em palavras os fatos acontecidos ao seu redor. Não é fácil transportar para o papel o sentimento de outra pessoa. Falar sobre seu próprio sentimento e sua própria vida parece ser mais fácil, quando, na verdade, é mais difícil. Mas, como é por uma boa causa, vou escrever sobre a minha história. Espero que os leitores deste livro tenham gostado das histórias dos nossos perfilados e espero, sinceramente, que a minha história esteja à altura das contadas nas páginas anteriores.

Minha história

Minha infância foi tranquila. Nasci e cresci em Caieiras, cidade que fica na grande São Paulo e faz divisa com a capital paulista. Meus pais sempre foram muito presentes e me deram valores sólidos. Posso afirmar que tive uma belíssima criação, tanto do ponto de vista de carinho familiar, quanto do ponto de vista educacional.

Minha mãe, Isabel, trabalhou durante muitos anos como costureira e dona de casa. Hoje ela trabalha como cozinheira em um pequeno negócio próprio.

Meu pai, Ademar, foi caixa de banco, ajudante geral na TELESP e trabalhou por quase vinte anos como auxiliar na prefeitura de Caieiras. Hoje ele trabalha junto com a minha mãe no pequeno negócio de alimentação.

Quando eu tinha quatro anos de idade, nasceu a minha única irmã, chamada Ana Carla. Minha relação com ela é muito boa. Tenho a consciência de que sou um irmão bastante carinhoso. Claro que brigamos de vez em quando, mas nada muito sério. Confesso que em algumas de nossas brigas eu acabei exagerando um pouco e falei algumas coisas que não devia. Mas ela já me perdoou.

A época escolar

A escola teve papel importante na minha criação. Sempre me





dei bem com os estudos. O mais impressionante é que eu nunca fui um aluno de estudar muito, minha aptidão para aprender era uma coisa natural, pois sempre tive facilidade para compreender os ensinamentos dos professores.

O meu maior problema na escola era a minha timidez. Por causa dela, eu nunca tive muitos amigos. Meus melhores amigos na infância foram meus primos Felipe e Vinicius. Eles são meus primos irmãos. Tenho outros dois primos irmãos, chamados Mário e Marcelo, que não tinham muito contato comigo na infância, mas se tornaram grandes amigos na minha adolescência.

Estudei até a quinta-série no EEPG Joaquim Osório de Azevedo e da quinta-série em diante no EEPSC Walter Weiszflog. A mudança para o Walter foi especialmente difícil para mim, pois entrei em uma sala já formada, por alunos que já estudavam no Walter, e, devido a minha timidez, acabei não sendo bem recebido pelos estudantes. Na época eu nunca tinha ouvido falar de bullying, mas hoje sei que fui vítima dessa prática.

Até a oitava-série eu sofri com as constantes perseguições e humilhações dos colegas de escola. Chegava a me esconder no banheiro durante os intervalos e rezava todos os dias para passar despercebido na sala de aula. Foi uma época muito difícil e, o pior, sofri calado. Nem aos meus pais eu contava. Sei que muitos dos meus amigos atuais ficarão sabendo dessa parte da minha vida apenas por esse livro. Hoje não me envergonho de ter passado por isso e sei que esse momento difícil serviu para ajudar a formar o meu caráter.

Ensino Médio e adolescência

A mudança para o ensino médio foi muito benéfica para mim, pois mudei de turma e conheci muitas pessoas novas. Além disso, passei a sair mais de casa e conhecer novos lugares. Passei, também, a ter uma amizade maior como meus primos Mário e Marcelo e, junto como meus outros primos Felipe e Vinicius, passamos a sair





sempre juntos. Passei a fazer um certo sucesso com as garotas e isso aumentou minha auto-estima.

Na escola eu continuava a ter a mesma facilidade para aprender em algumas situações e comecei a me destacar nas matérias humanas. As disciplinas exatas sempre foram mais difíceis para mim, pois eu não conseguia ter a concentração necessária para estudar. Foi durante o ensino médio que decidi estudar Jornalismo e esse passou a ser meu objetivo e meu sonho.

Dificuldades financeiras

Até o início da minha adolescência, minha vida foi tranquila no aspecto financeiro. Nunca tive nenhum luxo, pois meu pai sempre trabalhou duro para garantir o sustento da casa. Nunca havíamos passado por momentos de extrema dificuldade e nossa vida era tranquila na medida do possível.

Aos quinze anos eu comecei a trabalhar como Office-boy em um escritório de contabilidade. O dinheiro do meu trabalho eu usava para comprar roupas e para sair, sem preocupações, como um típico adolescente faz. Depois de oito meses como Office-boy, ganhei uma promoção e passei a ser auxiliar de departamento jurídico.

Logo depois de completar dezesseis anos veio a bomba que acabou transformando minha vida. Meu pai foi demitido da prefeitura de Caieiras e tirou o único ganha pão da nossa casa. Foi então que eu tive que virar adulto à força, pois meu salário passou a ser o único sustento da família. Meu pai entrou em depressão e não conseguiu mais nenhuma colocação. Eu tive que me empenhar cada vez mais no trabalho, para garantir que mantivéssemos nossa vida da melhor forma possível.

Aos 17 anos eu assumi a chefia do departamento jurídico do escritório e passei a ganhar melhor. Na mesma época, terminei o ensino médio e decidi tentar entrar na universidade. Fiz uma prova de bolsa no cursinho Objetivo e consegui um valor de mensalidade





que estava dentro do meu orçamento, pois eu ainda era a única fonte de renda na minha casa. Estudei durante todo o ano de 2002, junto com os meus primos e tentei entrar em jornalismo na USP. Minha pontuação não foi ruim, mas não consegui atingir a nota de corte de jornalismo.

No início do ano seguinte, decidi que não iria mais fazer cursinho, pois não conseguiria mais pagar. A idéia de fazer jornalismo parecia cada vez mais distante. Voltei a me dedicar integralmente ao trabalho e passei a sair cada vez mais tarde do escritório. Minha vida se resumia ao trabalho.

Meu pai finalmente começou a se recuperar da depressão e, junto com a minha mãe, abriu um pequeno negócio, para servir marmitex. Minha mãe passou a cozinhar e meu pai passou a entregar as melhores refeições de Caieiras.

Foi então que o meu antigo patrão, chamado Arildo, perguntou se eu não queria estudar contabilidade e me ofereceu ajuda para pagar a mensalidade da universidade. Como tinha poucas perspectivas de estudar jornalismo eu decidi aceitar a proposta e prestei vestibular no Mackenzie para cursar contabilidade. Meu patrão não acreditava muito em minha entrada no Mackenzie e levou um susto quando eu peguei o resultado. Eu tinha sido aprovado. A mensalidade do Mackenzie, no entanto, estava fora do que ele imaginava e ele não pôde me ajudar com a metade do valor. Mesmo com a ajuda financeira dele eu consegui fazer apenas dois meses no Mackenzie. Como não tinha dinheiro para continuar decidi trancar a matrícula.

Do final de 2003 ao final de 2004 eu parei de estudar novamente. Passei a apenas trabalhar. Mas 2004 mudaria minha vida para sempre, de uma forma que eu jamais havia imaginado antes.

O amor transforma

O ano de 2004 começou como os anos anteriores. Eu estava apenas trabalhando e conseguia ajudar na sustento de casa e ter





algumas coisas minhas. Estava feliz, mas caminhava para uma vida tipicamente média. Não existia perspectiva de estudo e meu sonho de fazer jornalismo parecia que nunca se realizaria.

Foi então que, em Julho de 2004, conheci uma garota que mudou a minha forma de ver o mundo. Seu nome era Cristiane e de cara sua história já me impressionou pela coragem. Ela nasceu na Bahia e viveu desde muito pequena em Serra Talhada, Pernambuco. Estudou teatro e veio para São Paulo tentar a sorte como atriz. O problema é que a cidade grande acabou engolindo seu sonho e ela, de família humilde, teve que começar a trabalhar para se sustentar em São Paulo. O teatro, então, passou a ficar cada vez mais distante. Ela já estava decidida a voltar para Pernambuco quando nossos destinos se cruzaram.

Foi uma paixão arrebatadora. Cristiane foi a minha primeira namorada séria. Durante seis meses vivemos um verdadeiro conto de fadas. O problema é que ela morava com uma tia e, no início de 2005, sua tia acabou se mudando de São Paulo e Cristiane teve que voltar para Pernambuco.

Meu tempo sozinho durou apenas dois meses. Eu decidi ir até Serra Talhada para buscá-la. Levei um anel de casamento e pedi a sua mão logo ao chegar. A sua família percebeu as minhas intenções sinceras e deixou que ela voltasse comigo para São Paulo. Meus pais demonstraram o grande coração que possuem e abriram as portas da nossa casa para que ela morasse conosco.

Eu decidi voltar a fazer faculdade e me matriculei em uma instituição mais barata em que meu patrão pudesse ajudar de verdade. Entrei, então, na Faculdade Campos Salles, para fazer contabilidade.

Sonho de volta com força total

Depois de um ano e meio estudando contabilidade, eu decidi parar o curso. Tinha a certeza de que não seria um bom contador, pois não gostava das matérias. Meu sonho de fazer jornalismo esta-





va cada vez mais forte e eu estava procurando meios de concretizá-lo, por isso, decidi arriscar.

Eu sabia que dificilmente conseguiria entrar em uma universidade pública, pois estava já há quase três anos sem estudar. Minha única chance era tentar uma particular. Decidi, então, deixar o meu antigo emprego e com o dinheiro das verbas rescisórias conseguiria pagar pelo menos um ano da universidade. Meu objetivo era entrar na Faculdade Casper Líbero.

Saí do trabalho em Junho e juntei todo o dinheiro para concretizar o que havia planejado. Mas no meio do caminho um imprevisto mudou os meus planos. Um dos meus cunhados, que mora em Pernambuco, caiu do terceiro andar de um prédio, enquanto trabalhava, e sofreu uma fratura de crânio. Tivemos que viajar as pressas para transferi-lo para um hospital de melhor porte. Esse fato teve dois aspectos: O positivo foi que ele ficou bem e sem nenhuma sequela. O negativo é que acabei gastando quase que todo o dinheiro que havia juntado.

O ProUni e o sonho

No meio de 2006 eu estava sem trabalho e sem dinheiro para pagar a universidade. Foi então que, orientado por um amigo, passei a procurar informações sobre o ProUni. No início confesso que duvidei um pouco, mas era pura desinformação e preconceito da minha parte. Quando comecei a conversar com bolsistas, percebi a seriedade do programa.

Como não estava trabalhando, pude estudar bastante para o ENEM. No dia da prova fui decidido a fazer o meu melhor. Sabia que aquela era a chance da minha vida.

Fui um dos últimos a terminar a prova e depois anotei todas as minhas respostas no verso de um papel, pois queria conferir o mais rápido possível. Ao chegar em casa os sites de cursinho já estavam divulgando o gabarito oficial. Eu havia conseguido uma pontuação excelente.





Errei apenas cinco questões. Sabia que teria boas chances no ProUni.

Os meses que se seguiram foram de muita angústia, esperando o resultado oficial e a abertura do processo de seleção do ProUni. Quando finalmente ele foi iniciado, eu percebi que com a minha nota conseguiria escolher qualquer curso ou universidade. Foi então que escolhi a PUC, para fazer o meu maior sonho: Jornalismo.

O processo de confirmação de informações foi demorado. A PUC é muito criteriosa e exige todos os documentos possíveis para comprovar que o candidato realmente precisa da bolsa.

Fui recebido muito bem na PUC. Logo no início já deixei claro que era bolsista e não sofri nenhum tipo de preconceito por isso. No início estudei de manhã e, logo no segundo semestre, pedi mudança para o período noturno, pois tinha a intenção de trabalhar. Eu não sabia que um pequeno fato novo estava para chegar.

Laura: O maior orgulho da minha vida

Ainda no primeiro ano de jornalismo, recebi a notícia que mudaria minha vida para sempre: A Cristiane estava grávida. No começo fiquei muito preocupado, pois não estava trabalhando. Mas conforme os meses foram passando, a preocupação foi se transformando em pura felicidade. Em Novembro de 2007 me casei oficialmente. Na verdade eu já me sentia casado desde o dia em que conheci a Cristiane. Sempre soube que ela era a mulher da minha vida e que estaria para sempre ao seu lado.

No dia 28 de Março de 2008 a nossa pequena Laura nasceu e trouxe a felicidade que faltava para a minha vida. Todos os momentos desde então foram muito especiais e, hoje, tenho a certeza de que ela foi a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida. Lembro de cada instante ao seu lado. Do primeiro sorriso, do primeiro dentinho, da primeira vez que me chamou de papai, os primeiros passinhos. Ela é o motivo que me faz não parar de lutar e é por ela que eu continuo a correr atrás dos meus objetivos.





Volta ao trabalho

Ainda durante a gravidez da Cristiane, eu voltei a trabalhar. Como jornalismo, reconhecidamente, paga mal, principalmente para os estagiários, eu voltei a trabalhar com contabilidade. Voltei ao escritório em que havia trabalhado desde os quinze anos.

Tenho muita gratidão pelos meus antigos patrões, que me acolheram novamente quando eu mais precisei. Eu voltei para trabalhar no departamento financeiro. Esse trabalho foi muito importante, pois possibilitou que eu iniciasse a criação da Laura de forma digna. Minha esposa sempre trabalhou também e em muitas vezes ela foi o grande sustentáculo da nossa casa.

No início de 2010 eu decidi sair do escritório para trabalhar com jornalismo, pois sabia que não poderia terminar o curso sem nenhum tipo de experiência na área. Desde então venho trabalhando em projetos esporádicos, sem registro, para ganhar experiência. Esses trabalhos é que estão me garantindo financeiramente nos últimos meses.

Entre Abril e Setembro, eu trabalhei com a parte de assessoria de imprensa da campanha de Aloizio Mercadante ao governo de São Paulo, o que me garantiu um enorme acúmulo de experiência. O trabalho na redação de uma campanha se mostrou uma belíssima escola e espero, através do conhecimento adquirido, conseguir um bom futuro na profissão.

Hoje a Laura está com dois anos e meio. Eu e a Cristiane ainda moramos junto com os meus pais, mas eu sinto que a minha independência completa está cada vez mais próxima. Tenho algumas boas perspectivas para trabalhar com o jornalismo e sei que meu sonho está perto de se realizar. Meu sonho de viver de jornalismo e conseguir dar uma boa vida para a minha família. O ProUni foi o ponto de partida desse sonho e esse livro é uma homenagem a todos aqueles que compartilham dele.







Bibliografia

- *Mapeamento da inserção profissional dos alunos do ProUni da PUC-SP de Fernando Duvaresh Costa.*
- *<http://prouniportal.mec.gov.br>*
- *www.correioweb.com.br*
- *www.folha.uol.com.br*
- *www.estadao.com.br*
- *www.pt.org.br*
- *www.psolsp.org.br*







Chance Única

A alma do ProUni contada em histórias

Fernando Duvaresch Costa

“O ProUni é uma medida que serve como uma correção histórica importante, pois nas escolas públicas tem muita gente de capacidade, tem muita gente com um potencial gigantesco que é inexplorado, então temos que investir em ensino básico, mas também fazer uma política paralela para beneficiar a nossa geração. É fato, é comprovado através de pesquisas feitas com provas que os alunos de escola pública, que se dedicam, podem ser o que for, desde que tenham oportunidade”.

Andreza Aparecida Streitenberger

“O ProUni significou a realização de um sonho. Na minha opinião, é o melhor programa instituidor de políticas públicas da educação implementado no Brasil”.

Maria Isabel Câmara Lemos

“O ProUni no meu caso, assim como de muita gente que nem sonhava em fazer faculdade, é uma oportunidade que você não pode desprezar e usar de qualquer jeito”.

